

SULTANA

ANNO II

Jundiahy, Novembro de 1929

NUM. 15

REVISTA MENSAL, LITERARIA, CRITICA, HUMORISTICA E ILLUSTRADA

DIRECTOR:
Casimiro Brites Figueiredo

GERENTES:
Waldemar Paula Simões
e Sebastião O. Miranda

Lilian Havrey
da "UFA"



SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

REDACÇÃO: AVENIDA DR. CAVALCANTI, 84

OFFICINAS PROPRIAS: RUA SÃO JOSÉ, 13

Assignatura annual: 12\$000

Numero avulso: 1\$200

Numero atrasado: 2\$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, «charges», caricaturas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaboração, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expendidas pelos collabores.

O RIO DA VIDA

Balouçando sobre as ondas mansas de um rio, deslisam folhas mortas, vagando sem destino.

Assemelham-se á esperanza, que nos acena sempre, promettendo felicidades e vae nos deixando sempre ao léo da vida.

Rapido, num revolteio inconstante, o rio vae levando para longe as folhas mortas.

Bem pouco differente é o destino da gente: surgindo no mar da vida, nós vamos avançando para o futuro, porem, sem nunca sabermos para onde vamos.

As vezes, o rio deixa preso á herva que cresce á sua margem, uma ou outra folha morta.

Relanceando um olhar para a nossa existencia, ainda encontramos uma outra semelhança: os que morrem no verdor dos annos, são as folhas presas ás margens do rio da vida.

As vezes, a uma folha morta, prestes a prender-se á margem, uma outra que mais atraz caminha, ajunta-se e ambas proseguem a caminhada.

Facto identico se dá na vida; um ente prestes a desferir voluntariamente o vôo para o alem, encontra uma alma amiga que o socorre e proseguem juntos a jornada da existencia.

Atirados no borbolino louco das aguas em disparada, ha tambem folhas que se perdem, que se somem para todo o sempre.

Girando, no circulo vicioso da vida, tambem se encontram aquelles que se perdem para todo o sempre na escuridão da demencia.

Uma a uma, as folhas se vão esfacelando, desfazendo-se, destruidas pela acção continua das aguas em reboliço.

Na lucta que se trava para vencer na vida, alguns após trabalhos insanos, sentem-se quasi vencedores; mas o tempo encarrega-se ás vezes de derruir o monumento, reduzindo tudo ao nada.

Durante o longo percurso, o rio vae descrevendo suas voltas, carregando sempre folhas soltas, cahidas sobre o seu dorso.

E a vida no seu percurso, vae tambem nos arrastando, submettendo-nos aos seus caprichos, ás suas inconstantes decisões.

São pois, semelhantes entre si, o rio e a vida, as folhas mortas e a gente.

Caminhando ao léo, sem destino bem definido o rio é como a vida que tambem decorre sem meta e sem clareza.

As vezes parece-nos sorrir, mas o seu sorriso é enganador, pois logo após vem a lagrima do desespero.

Serpenteando por veredas infindas, o rio vae levando alem, as folhas e as vezes uma ou outra chega até bem longe, até onde não esperava chegar.

Talvez, muita gente desejasse ser como certas folhas, arrastada pela vida, chegar, sem trabalho, até bem longe, muito longe...

Raros, bem raros, porem, são aquelles que conseguem, no rio do vida ver realizadas as suas aspirações; poucos são aquelles que encontram no percurso um porto de salvação.

Oh! Talvez mais infeliz fosse a humanidade se a existencia não tivesse o mysterio que tem; se nós não fossemos como as folhas mortas a vogar á ventura do rio, porque a verdadeira ventura é talvez desconhecer a mentira que a vida nos pregará amanhã.

MIRO

PHOTOGRAPHIA IDEAL Alexandre Janczur



Com casa especial de molduras para quadros, espelhos, vidros, porta-retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camara escura para amadores.

Machinas fotograficas, films, chapas, reveladores etc.

Rua do Rosario, 30
Telephone, 386
JUNDIAHY

— Então, que foi isso, Simplicio; o que aconteceu?

— Quebrei. Perdi tudo o que tinha.

— O quê? Pois isso é possível? Tinha-me dito, que dispunhas de grandes capitaes; mas nunca imaginei que fosses teus! . . .

O Mello é o bohemio mais esfarrapado, que existe no mundo.

— Não se deve critical-o, coitado, — dizia um dos amigos d'elle, — é extremamente pobre.

— E' permittido ser pobre, — observou outro, — mas não com tamanha ostentação.

Quem experimentar



PURGATIVO
SALINO
GAZOSO

BOM PALADAR
SEM DIETA
EFFECTO PROMPTO

CAJÚ PURGATIVO

Nunca mais usará outro purgante

A' VENDA EM TODAS
AS PHARMACIAS

Casa de Encanamentos

GYRIACO VIDILI

Rua Barão de Jundiahy 55

SE CÃO FEMININA

Dizem que...

o Bento S., vae organizar uma orchestra futurista para tocar durante o intervalo das sessões do Polytheama.

o Zico de N. vae tentar a volta ao mundo, utilisando-se para isso da sua raqueta de Pingue Pongue, que — elle diz — só falta fallar.

o Aldo P. sentindo uma saudade no coração, vae procurar reanimar as cinzas de um antigo amor.

o Alvaro C., após alguns reides aos corações femininos, encontrou agora um coração que bem o comprehende.

o Otto F., quando sahe pela manhã, no seu Chevrolet, dirige-o de preferencia á Avenida Cavalcanti.

a Isaura M., sente cada dia que passa mais se solidificar o affecto que dedica a quem.

a Zuzú O., é a dona do coração mais sincero e

constante de nossa terra e que ella sabe disso.

a Alina L., ainda não perdôa aquelle que pela primeira vez quiz zombar do seu coração.

a Lucilla C., está agora, pela primeira vez sentindo os doces efluvios de um amor sincero.

a Guilhermina P., vem poucas vezes á cidade, porque o seu coração está preso a outro que reside na Villa Arens.

LINGUINHA DE PRATA

CCCCCCCC

Perguntas indiscretas

Qual será a causa do Alcebiades S., estar todas as tardes, parado em certa esquina da Rua do Rosario?

Porque será que o Victorio J., vae ás vezes ao Polytheama, de camarote e não perde de vista certo canto dessa casa?

Aonde irá o Ary F., ao cair da noite, que passa todas os dias, a horas certas pela nossa rua central?

Será que o coração do Celso R. ainda abriga algum amor por certa professorinha muito sympathica?

Porque razão não se vê mais o Nilo B., passear pelo jardim, acompanhando certa loirinha graciosa?

Quaes serão as pensamentos que bailam na mente da Ondina P., quando ella queda-se triste, na janella de sua casa?

Haverá amor mais constante que o da Ida B., que após alguns dias de arrufos, volta de novo a fazer as pazes?

Porque razão a Ignez B., anda ultimamente tantas vezes trajada de negro, côr que aliaz lhe fica muito bem?

Onde buscará a Lygia A., a inspiração para produzir tão bellos e emotivos trabalhos literarios?

Por onde teria andado a Genny B. que ha tanto tempo não tinhamos o prazer de vel-a em nossa terra?

MEXERIQUEIRA

CONFEITARIA SERENO

Bebidas finas, licores, aperitivos, vinhos, aguas mineraes e refrescos.

Doces, fructas e chocolates, Charutos e Cigarros.

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiahy, 118

Largo da Matriz

JUNDIAHY

X X FOLHAS SOLTAS X X

Quando no mundo deixar de existir o despeito, os homens terão perdido o estímulo, porque o que os anima é o saberem-se invejados.

**

Basta formosa menina,
Alegria nesse teu rosto.
Brota a rosa purpurina
Illudindo o céu de Agosto
Como doce peregrina
A caminhar ao sol posto

**

O homen é dentre todos os seres, o mais fácil de illudir-se, porque tudo vê por uma lente reflexiva.

**

Zephyro manso passando,
Urzes, somente semeando,
Lança a dor no coração
Mas tua belleza se inclina
Inflamada, na campina,
Rescendendo doce unção,
Amor, vida crystallina.

**

POSTAL

Ao Jorge Copelli

E's feliz, meu bom amiguinho! Tu a vida decorre suave e cheia dessa mesma harmonia que ha em tua casa. Harmonias de sons que se evolvem pelos ares! Harmonias de sentimentos a se acrysolarem nos corações amigos. Mas na harmonia de teu viver e do teu sentir ainda falta um ritmo que talvez te é desconhecido. E' o ritmo do amor. E' o ritmo de duas almas a palpitar geminadas, a cantar o poema mais bello da criação-o poema do Amor. Estás agora na quadra em que mais necessario á vida é esse ritmo. Procura-o e associa-o a harmonia do teu viver.

PEROLA PALLIDA

Si o berço é um grande mysterio, o tumulo é um mysterio mil vezes maior.

**

Haverá por este mundo,
Imagem assim tão bella,
Lançada num mar profundo.
Da tua belleza, donzella,
A ferir o peito, fundo?

**

A modestia é como a violeta, que apesar de occulta pela folhagem, se faz descobrir pelo perfume.

**

Orgulhosa do teu porte,
Tão gentil, tão puro e casto,
Imagino qual a sorte
Lançada no mundo vasto.
Inda que viesse a morte,
Amar-te queria, de rasto.

**

Cada creatura tem o seu destino e querer modificar a sua trajectoria é o mesmo que apreder o sol. E' tentar o impossivel.

ROSA DO PRADO

TELAS & FITAS



JACK HOXIE

HALLELUYAH — Esta obra da empresa Metro-Goldwyn-Mayer, dirigida por King Vidor, levou mais de um anno a ser produzida e o resultado é uma verdadeira joia. A distribuição desta obra está inteiramente entregue a negros e a sua acção se desenrola inteiramente no sul dos Estados Unidos. O enredo é grande e exige para sua descrição mais do que podemos dispor. Basta dizer que os caracteres deste drama são tão verdadeiros e a acção tão bem desenvolvida, que o espectador esquece inteiramente estar num theatro.

«A VIDA ALEGRE», é a melhor traducção que se pode dar á «Fast Life» da First Nacional e que tende a fixar a vida erotica e «jazzeada» da juventude moderna. Tomam parte nesta obra Douglas Fairbanks Junior, Loretta Yong, Chester Morris e outros menos conhecidos. O argumento se baseia em um casamento secreto entre os dois artistas principaes (Douglas e Loretta). Mais tarde arma-se uma intriga, entre Douglas e um outro jovem,

resultando um homicidio casual. Douglas é julgado e condemnado a morrer na cadeira electrica de onde é salvo pela confissão de Chester Morris, confissão que por inesperada causa extraordinaria sensação.

Os elementos dramaticos empregados são tão antigos como o proprio cinema, porem, a originalidade do tratamento, sob a acertada direcção de Francis Dillon e a boa actuação por parte dos artistas, fazem desta cinta uma obra digna de ser vista.



MARY PICKFORD



Corine Griffith

«THE DRAKE CASE» — Outro «caso» de crimes e mysterios; esta vez, dos studios da Universal e sob a direcção de Carlos Laemmle. Este film conta com todos os elementos para fazer della uma obra typica de enredo policial, porém alem de ser um thema exgotado, a cinta está cheia de erros de direcção. O mais notavel é aquelle em que dois policiaes ao ouvir dois disparos de revolver, entram em uma habitação e veem uma mulher estendida no ehão. O natural seria que ambos ou ao menos um delles, examinasse a victima para ver se dava signaes de vida. Porem, não. Estes dectetives parecem advinhar de antemão que a desditosa victima estava morta e não se acercam della e investigam o crime prendendo todos os habitantes da casa. Como esses, muitos outros erros, que formam uma legião. Para os que gostam destes assumptos e não são exigentes, talvez o film agrade.

CASA OLIVEIRA

Completo sortimento de ferragens, louças e tintas.

Cimento, aram.: farpado, telhas de zinco, formicida superior e sementes.

Artigos de electricidade em geral.

Seccos e Molhados.

Vidros para vidraças

A. J. Oliveira

Rua Barão de Juandiah, 108

Tel. 89 — JUNDIAAY

HARRY LANGDON, o celebre comediante de rosto inespressivo, acaba de contrahir matrimonio, casando-se com Helen Walton. Foi um casamento passadista, pois, tendo se desarranjado a installação electrica, a cerimonia realisou-se a luz... de velas.

EMIL JANNINGS, vae interpretar o seu primeiro fim fallado. Este film será produzido nos ateliers allemães e synchronizado em allemão.

RONALD COLMAN, o querido astro do cinema americano, é inglez de nascimento, combateu na grande Guerra, fazendo parte de um Regimento Escossez.



MARGARET LIVISGTONE

MARY PHILBIL, estrella da Universal, que desempenhou um papel principal em «O homem que ri», com Conrad Veidt, vae tomar parte na filmagem da adaptação sonora do «Phantasma da Opera».

MAX FACTOR, é um dos personagens mais populares de Hollywood.

ANTONIO MORENO, acaba de firmar um longo contracto com a Fox. Nestas condições, posará dentro em breve no film «A mulher não desejada».

MONA MARIS, a argentininha adoravel, acaba de ser contractada pela Fox, para desempenhar o papel de protagonista feminina, com Warner Baxter na pellicula «O Conquistador».



RAMON NOVARRO

O ARTISTA

OU

A LUZ QUE NÃO QUERIA SER TRÉVA

... Naquella tarde triste e enregelada de Junho, quando tudo parecia desaparecer na bruma espessa que pesava sobre a cidade melancolica que é S. Paulo, Ernesto, no seu pequeno cubiculo, revolvia velhos papeis ha tempos esquecidos no fundo de uma gaveta: aqui uma phrase escripta ao acaso num pedaço de papel; ali, uma data assignalada á margem de um jornal; acolá, um verso em cursivo tremulo que talvez lhe servira para a chave de um soneto; e pela mesa toda, esparsos em desordem, — papeis, livros, lapis, canetas, mata borrões, pequenos objectos de uso quotidiano, tudo ali formava um amontoado de cousas revolvidas... E Ernesto, calmo e vagarosamente, ia pondo tudo em ordem, cada cousa em seu lugar apropriado, enquanto revia, á vista de cada objecto, a sua terra natal, aquella doce e hospitaleira cidade que lá deixára, fazia agora dois annos, sob o azul tranquillo de um céu formoso e á margem verde e bucolica de um rio muito manso... Lá passara horas alegres; lá ficara o André, aquelle sincero, aquelle grande amigo que encontrara na vida; lá dormia agora, sob a lapide fria de um sepulcro, o illustre e bondoso Bonifacio, tão caro ao seu coração de artista; lá ficara aquella meiga e formosa Clara, aquella mulher-serpente em forma de flôr, de uma grande flôr

lys creada pela imaginação do poeta para ser depois batida e vergastada por um tufão de volupia, que a crescaria até que á reduzisse a uma simples espiral de fumo, que se evola e se esvae; lá deixara, emfim todo o mundo, fructo supremo de um cerebro torturado, sonho arrancado a força do mais intimo da sua alma, soluço do seu coração soltado para espanto da mediocridade ambiente, que, invejosa, tapava os ouvidos para o não escutar, patenteando assim a propria insolencia inconsciente... E resolvera então, abandonando a sua terra natal, a vir procurar, entre a massa amorpha e anonyma que actualmente forma a grande população de S. Paulo, um recanto amigo, um lugar um pouco, uma guarida, onde pudesse emfim esquecer um pouco tantos pezares e rehver um pouco tantas energias perdidas na ardua labutação que o torturava... E, assim pensando, assim fez... Veio...

Dois annos correram celeres, sem que a menor sombra de desgosto lhe avassallasse o peito... Acostumara logo áquella vida como é trivial de todos os dias: morto por algum tempo o artista, o poeta, o sonhador, que era por assim dizer a parte mais intima do seu sêr, durante todo esse tempo actuou, na vida, livre dos anseios, da tortura, dos grandes desfallecimentos, o pacato e ordeiro homem de

trabalho, banalissimo e chato burguez, preocupado apenas com a reles ambição de adquirir dinheiro... Mas, de repente, sem que elle mesmo soubesse explicar esta transformação subita, *sentiu* que era necessario, que era imprescindivel, que era (porque não?) fatalmente preciso descer de novo á mina da propria imaginação, custasse o que custasse, e, transfigurado, trazer de lá, doesse quanto doesse o ouro puro, o ouro caro, o ouro inconfundivel, que é a Idéa com o quem arranca, para gaudio de todos e sacrificio proprio, um pedaço, vivo da propria alma... Por isso, sentou-se a mesa e principiou a escrever a seguinte novella:

O ARTISTA

OU

A LUZ QUE NÃO QUERIA SER TRÉVA

I

Fôra melhor que, recolhida a memoria á luz primeira de onde brotara, não fosse agora narrada a minha historia... Tendo procurado arrancar a do NADA, ao Nada, de onde sahira, sei que ella volverá, sem haver adiantado cousa alguma á Humanidade que marcha... Mas, eu contarei toda, com todas minucias, na febre, no anseio de gravar, no muro dos seculos, esta pagina viva da minha existencia...

Chamo-me Stellio. Ha trinta annos que percorro as estradas mil vezes percorridas por biliões de homens a mim semelhantes, sem que pudesse encontrar a canaan dos meus sonhos... Nem por isso o desanimo me abate, pois, apesar de tudo, continuo, continuarei sempre neste

afan de, um dia, poder pizar com os meus próprios pés e rever com os meus próprios olhos esse eden ha tantos annos perdido...

Já tenho o corpo combatido, as faces encovadas, o olhar apagado o andar tropego e vacillante, como um resto vivo do passado... Por vezes, um fastio grande e sem motivo me penetra o sêr, e então até a morte me parece fastidiosa e cansativa... E, si acaso lanço um triste olhar para o que ficou atrás, revejo exclusivamente dias que se sobrepõem a dias e noites que se succedem a noites, resentindo as fadigas e as canceiras passadas... Fraco, debil, castigado pela propria constituição do meu

sêr, eu por vezes imagino que melhor fôra ter ficado além, num lugar longinquo e desconhecido, como parcella infima da energia que agita o grande cosmos... Mas, uma vez que surgi para a vida e para o sonho, farei da minha vida e farei do meu sonho a força com que irei buscar esse bello paiz, essa patria encantada, esse mundo nunca jamais sonhado, esse eldorado onde tudo ha-de ser melhor, mais suave, mais brando, longe muito longe dessa crosta grossa de miseria e desvario, de que está tão cheio e tão coberto este triste orbe...

OSWALDO MOREIRA

(Continua)



ESTA' CHEGANDO...

O Juranda é bicho «taco»
Que namora sete a fio;
Mas agora está chegando
Na idade de ser titio.

O João Pupo é «batuta»
E a elle ninguem logra,
Mas a idade está chegando
Delle arranjar sua sogra.

O Alvinho que é experto,
Mestre para namorar,
Sabe que está chegando
A idade de se casar.

O Celso «pingue-ponguista»
Que na «raquete» é afiado
Não sabe que está chegando
A hora de ser desthronado

O Benzinho que é banqueiro
E sô lida com dinheiro
Desconfiou que está chegando
[do
Tempo de ser casamenteiro.

O Porphirio não descança
Em «flirtar» é o primeiro.
Mas recruta está chegando
E elle vai ser enfermeiro.

O Nelson é agora soldado,
Bom defensor do Brasil
E o tempo está chegando
De manejar o seu fuzil.

CANTADOR DO GUAPÉVA



Director :
Casimiro Brites Figueiredo.

Revista mensal,
literaria, critica, humoristica e
— illustrada —

Gerentes :
Waldemar Paula Simões
e Sebastião Ortiz Miranda

A SYMPHONIA DA FELICIDADE

NA tarde outomnal que lentamente expira, ha qualquer coisa de extraordinario e bello, pairando sobre as ultimas restneas do dia, que triste e lentamente se amortalha, aos primeiros ciriosinhos accesos na vastidão dos céos. A alma divaga. Os olhos se fecham ao mundo exterior. E ha uma vaga inquietação, dentro de nós mesmos. Sonho que braceja, como um broto renovado na primavera feliz, chega até nós, como um murmuro suavissimo de brisa cantante, o desejo de conhecer o dia de amanhã. Consultar os astros? Não! É um livro fechado aos olhos dos que não teem o magico e extraordinario poder de comprehendel-os. Talvez uma cartomante!...

E' mais simples. Mas, este pensamento mesmo, não tem logo a nossa franca approvação. Consultar uma bruxa velha, em uma casa immunda, entre as chammas de fogos esverdeados e o chocallar de guisos de reptis venenosos, um baralho velho sobre a mesa, a dizer-nos palavras cabalisticas? E' por demais archaico. A bruxa d'Evora já não existe. Queriamos uma joven, de olhos scismadores, rescendendo a Caron, em um ambiente mais feiiz, lendo num luxuoso Gri-maud o que podemos ainda aspirar na vida. Dama de copas... uma mulher nova e linda como o trigal florido vos espera de braços abertos e traz nos olhos os philtros magicos de um amor desconhecido... az de ouros... muito dinheiro, muito... E por ahi, entre um sorriso que vem da cartomante joven e o que talvez as cartas não dizem e que ella interpreta muito bem, confiamos piamente, como se a nossa vida se encerrasse em um simples baralho... Mas, o certo é que quando deixamos esse ambiente, sentimos uma vontade louca de encontrar essa mulher linda como o trigal florido e que traz nos olhos os philtros magicos de um amor desconhecido...

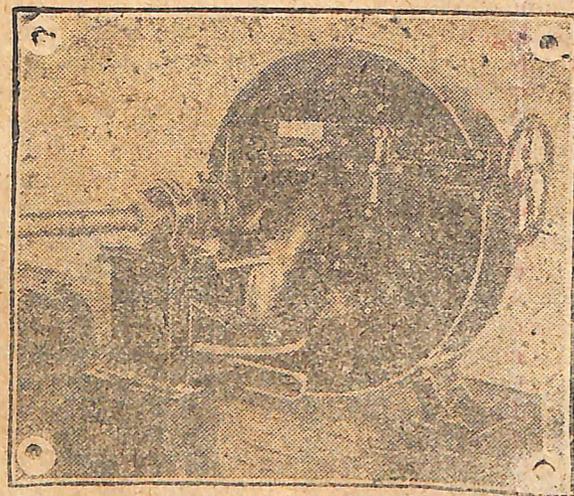
... a symphonia da felicidade.

Jundiáhy, Novembro de 29.

ARRUDA CAMARGO

A ELECTRO - METALLICA

FABRICA DE TURBINAS HYDRAULICAS



Postes de ferro para linhas
Tubos de ferro batido

J. KLOVRSÁ, ENGENHEIRO

Rua Barão de Jundiáhy, 1. Telephone N. 163 - JUNDIÁHY

Estado de São Paulo.

RONDA DAS CORES

Falam as côres a muda
Linguagem das sensações:
Triste ou alegre transmuda
A vida dos corações . . .

Rosa, amor. E' a mocidade.
E' a primavera. E na flôr:
Suave tom de caridade
Desta vida de amargôr.

Vermelho, guerra. Que ardor!
E' o sangue das nossas veias,
Do sói a luz, esplendor!
Vida espalhando a mãos cheias.

Verde, esperança, mui doce
Que embaia o pobre mortal . . .
Na natureza emquadrou-se
Florindo no vegetal . . .

Azul, ciúmes E' tormento . . .
Ri e chora em escarcéo,
Quando preso ao pensamento
Se reflecte lá no céu! . . .

Branco, paz. Tanta belleza
Encerra a côr dos noivados,
Symbolo que é da pureza,
Que nos traz sempre encantados.

Amarelo, desespero.
Eu te maldigo — és a morte
Que com o seu ar austero
Junto está da minha sorte! . . .

Roxo, tristeza, soluço,
Dum coração torturado,
Não usando de rebuço
Para mostrar-se magoado . . .

Negro, lucto. Aza de corvo
Batendo lá na amplidão,
Num aceno mão e torvo
Prenunció da Escuridão . . .

Curityba — Paraná

LÉO JUNIOR

PARA LER DEPOIS

Triolet

Quando passas sorridente,
Bem sei porque me commovo . . .
E' que, da boquinha ardente,
Quando passas sorridente,
Vejo a bailar docemente
No labio, um beijinho novo.
Quando passas sorridente
Bem sei porque me commovo . . .

Me dizes tanta doçura,
O' moreninha formosa!
E quando nessa ventura,
Me dizes tanta doçura,
Sò vejo em ti formosura
— Gracioso botão de rosa . . .
Me dizes tanta doçura,
O' moreninha formosa! . . .

Quando teus olhos fitava,
Que doce enlevo eu sentia!
Caricias meigas gosava
Quando teus olhos fitava!
Do meu ser todo emanava
Grata emoção de poesia . . .
Quando teus olhos fitava,
Que doce enlevo eu sentia!

Porque será, moreninha,
Que o nosso amor foi-se embora,
E longe o affecto caminha,
Porque será, moreninha,
Dessa illusão que era minha,
Meus lindos sonhos de outrora?
Porque será, moreninha,
Que o nosso amor foi-se embora?

L. TREBEIS

Contribuir para o desenvolvimento dos

ESPORTES

é trabalhar pelo fortalecimento da raça.

Bebedouro x Paulista

Na noite de 14 p. p. perante enorme assistencia, no Campo da Villa Leme, realizou-se o anunciado encontro entre as turmas do Paulista e do Bebedouro F. C. Foi um embate renhido. Os adversarios foram dignos, um do outro, não só pela actuação impecavel, como também pelo cavalheirismo e disciplina com que se houveram.

O Paulista conseguiu vencer o seu adversario pela contagem de 1 a 0, sendo o ponto da victoria obtido por Sancho.

Germania x Paulista

3 — 0

Em continuação do Campeonato da Laf, o Paulista defrontou em seu campo, no dia 15 p. p. o quadro do Germania, da Capital, tendo sido vencido pelos visitantes por 3 pontos a 0. A victoria teuta foi justa, pois a sua actuação foi mais perfeita. Desfalcado e resentido, da lucta anterior não conseguiu o quadro local vencer seus adversarios.

Ypiranga x São João

3 — 2

Iniciando o Campeonato do Interior, na 1.ª região, teve lugar no dia 17 p. p. o encontro entre os velhos rivaes Ypiranga e São João, luctaes.

Após uma lucta equi-

to Apeano, o Palestra desta cidade logrou vencer o forte quadro campineiro, Voluntarios da Patria, por 3 x 1. Os pontos foram marcados por Guerino (2) e Gino (1).

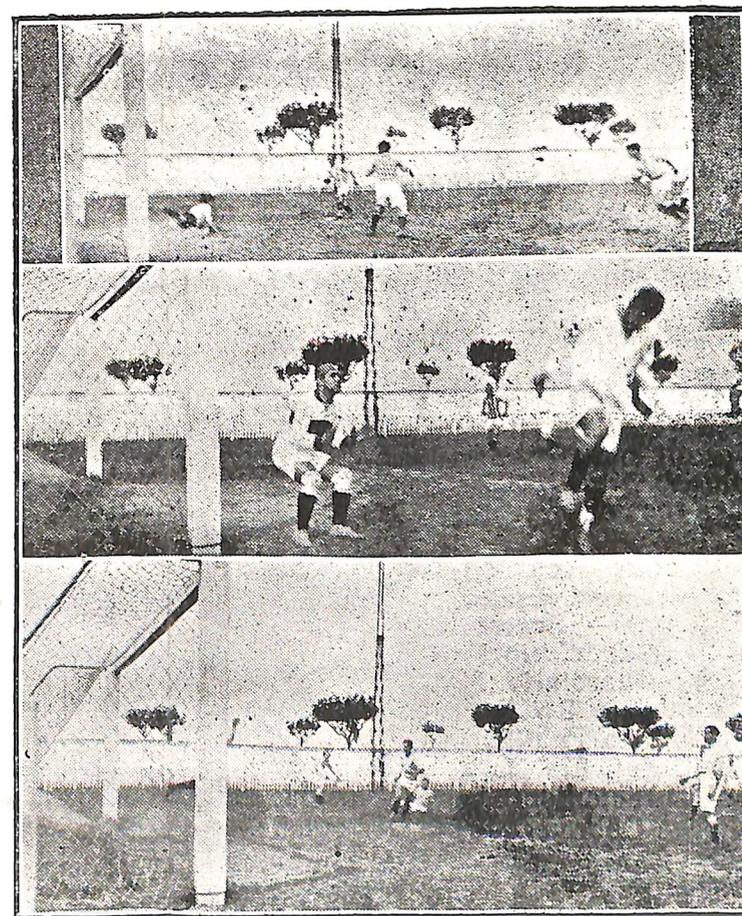
Paulista x Paulistano

Mais uma disputa do Campeonato Lafeano, realizou-se no dia 24 p. p. no Estadio da Villa Leme, defrontando-se o Paulista e o Paulistano. A lucta, que foi bastante movimentada na 1.ª phase, não terminou. Aos 6 minutos de jogo da phase final o Paulistano perdia por 2 x 1, quando marcou um ponto, em visível impedimento. Os lo-

Palestra x Voluntarios

3 — 1

Em Campinas, também em disputa do Campeona-



Aspectos apanhados durante o encontro dos quadros da Cooperativa C. P. e da Caixa de Pensões da C. P., no qual este foi vencido.

caes, não concordando, reclamaram mas o juiz manteve sua decisão. Não tendo havido um accordo, ficou o jogo paralisado até o fim do tempo regulamentar. Ao que parece o jogo ficou empatado, constando porem, que o Paulista perderá os pontos.

A actuação do juiz foi pessima prejudicando ambos os quadros.

Campeonato do Interior da Apea

A disputa do Campeonato do Interior da Apea, na 1.a região, continua interessante. No dia 24 p. p. registraram-se dois empates: São João x Palestra 3 x 3; Voluntarios x Ypiranga 2 x 2. Com esse resultado, collocaram-se na vanguarda os clubes locais Ypiranga e Palestra, com 3 pontos contra 1 perdido. Para o termo do 1.º turno faltam ainda os seguintes jogos: São João x Voluntarios e Ypiranga x Palestra. Quer isso dizer que ainda podemos ter muitas surpresas. Quem será o campeão no primeiro turno?

Novas Directorias

Para dirigir os destinos do Minas Geraes F. C. foi eleita a seguinte Directoria:

Presidente; Antonio Liberato — Vice Presidente; Hassib Cury — Secretario Geral; J. Candelario Freitas — 1.º Secretario; Afonso Bossi — 2.º Secretario; Antonio Paullielo — Thezoureiro; Elpidio Genari — Director de esportes; Jorge Gebran.

Gremio x Esportiva

Na quadra do Gremio domingo dia 17 p.p. realizou-se um encontro de bola ao cesto em disputa de uma bellissima taça. A luta que

vinha sendo aguardada pelos afficionados, com grande anciedade, por tratar-se de duas turmas respeitaveis logrou levar á quadra do Gremio uma enorme e selecta assistencia.

Foi um jogo bastante movimentado. O Gremio actuando melhor conseguiu vencer nas duas turmas por 11 a 5 e 9 a 2 respectivamente. As turmas eram as seguintes:

Gremio-1.a, Celso - Elaurides-Jannes-Bellini e Bide. 2.a, Sarmento - Dilermando -João-Petroni-Hyllo.

Reservas: Jayr Germano

Esportiva-1.a, Ito-Haroldo -Minguta-Rossetti - Aurelio. 2.a, Mello-Moacyr-Valladarreres - Dias Bittencourt.

Os pontos: Elaurides 1, Bide 4 e Jannes 6. Rossetti 1 e Minguta 4.

2.as, Jayr 2, Germano 2, João 2 e Hyllo 3. Bittencourt 2.

Juiz, Erasto Sanches. Fiscal, T. Serovick.

Factos & Boatos

Na Apea ou na Laf

Dada a facilidade que ha agora com a Apea e a Laf, raro é o jogador que não esteja inscripto para clubes de ambas as ligas.

Ainda ha pouco, no inicio do campeonato Apeano Carlos e Malavazzi, actuaram para o Palestra e Ypiranga respectivamente.

RUSSO E BRAGHETTO

Tambem no São João F. C. actuaram esses dois elementos inscriptos para o Paulista.

Tatú

O veterano Tatú que foi um dos bons medios nos aureos tempos, é agora treinador do Paulista.

Optima aquisição.

Minguta

Alem de futebolista, Minguta é optimo jogador de bola ao cesto. Na partida Gremio x Esportiva, foi elemento de destaque.

O revanche dos 11 x 5

Consta que a Associação Esportiva vae convidar as turmas de bola ao cesto do Gremio, para uma partida revanche na quadra da Barreira, e haverá uma rica taça em disputa.

Sem duvida vae ser um jogão . . .

O Minas Geraes

Dentro em breve reaparecerá no scenario sportivo local, o valente Minas Geraes F. C. um dos nossos bons gremios suburbanos, que se achava afastado das lides esportivas.

Reina grande entusiasmo nos arraiaes mineiros. Desta feita a cousa muito promete. Gente nova, esportistas batalhadores como, Liberato, Freitas, Hassib e outros, são os reorganizadores.

Bravos. Longa vida deseja a Sultana.

Araujo

Volto a defender as cores do Paulista, tendo já actuado frente ao Paulistano, o sympathico zagueiro Araujo.

O bom filho . . .

Paulista — Germania

No dia em que se realizou este jogo houve scenas deprimentes. O Paulista precisa punir os seus torcedores exaltados. Essas scenas precisam ter paradeiro pois não diz bem do nosso bom nome sportivo.

Esperamos que providencias sejam tomadas.

No album ::
de uma
:: :: :: :: noiva

A' ***

Pedes-me que registre em teu album, algo que lembre amanhã, os teus dias de solteira.

Mas, que poderei eu escrever? O meu pobre cerebro, confuso, não me quer auxiliar, mostra-se avaro de ideas, sovina de pensamentos.

«Quando u'a mulher quer,

Deus, quer» — escreveu alguém um dia. E como quem pede é u'a mulher e u'a mulher cuja alma alberga as melhores virtudes e cujo coração é todo bondade, eu tambem estou com Deus — quero Vou tentar . . . Si te agradar estarei contente, si não . . . perdôa-me.

***, dentro em breve, deixarás a estrada descuidada das illusões, para encetar a caminhada na senda que o hymeneu aponta. Dentro em breve verás realizados os roseos sonhos,

que habitam a tua mente moça, radiosa de juventude.

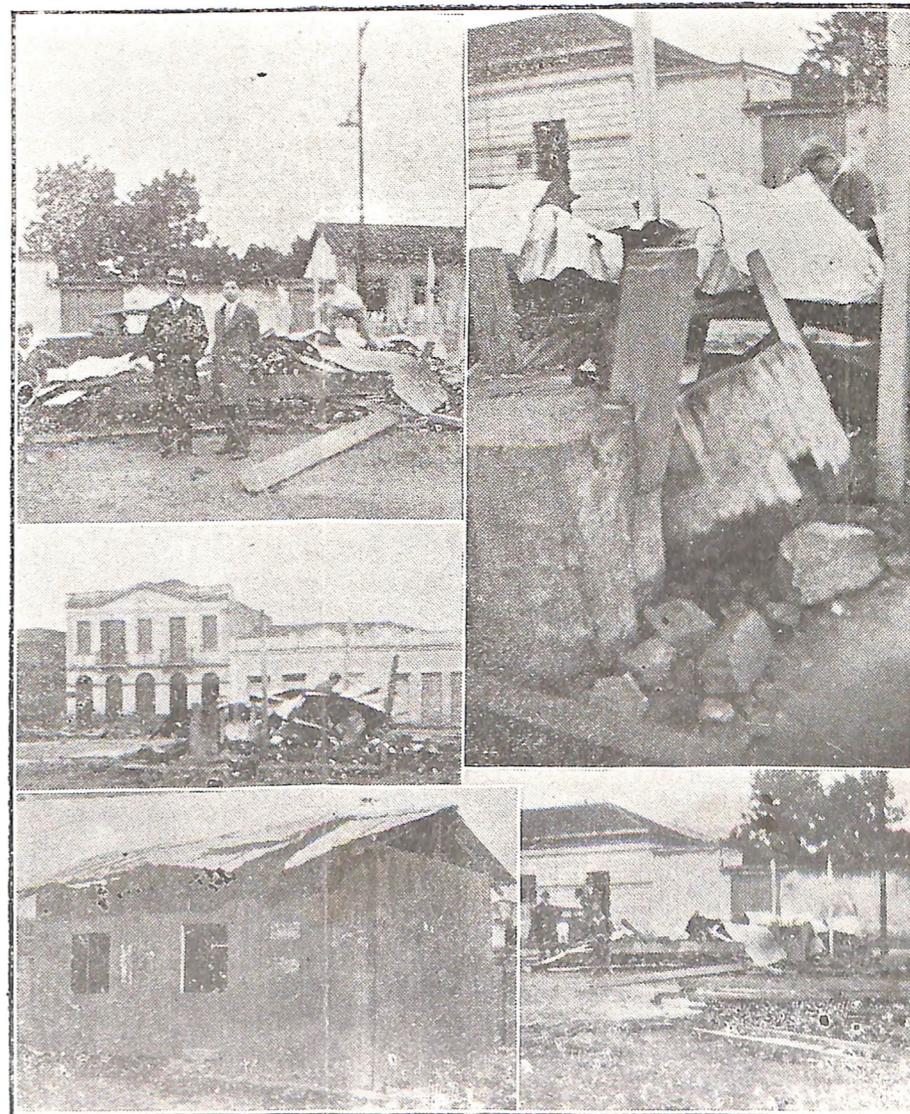
Encontrada que foi a tua alma irmã aquella que o amor apontou, com ella compartilharás d'oravante, as tristezas e as alegrias; os minutos de felicidades e as horas de amarguras. A felicidade é curta e a amargura é longa.

Com a pureza e a sinceridade do amor que une as almas que amanhã se consorciarão, ligando-se pelos elos sagrados do matrimonio, as tristezas — num

PMJ
GC - AH



Instantaneos tomados após a demolição do celebre açougue de emergencia, pelo povo. Em baixo, a esquerda, o dito açougue antes de ser arrazado.



paradoxo vivo — serão menos tristes e as alegrias mais alegres ainda. Os minutos de felicidades parecerão mais longos e as horas de amarguras mais depressa transcorrerão.

Fallo em alegrias e tristezas; em felicidades e amarguras, porque infelizmente, na vida, nem tudo são flores. E mesmo as flores, algumas flores, têm espinhos. A vida humana tem duas facetas distintas — uma alegre e outra triste. São sentimentos antagonicos é bem verdade,

mas que se revesam perennemente no decorrer da existencia humana. E, si assim não fosse, a humanidade se perderia no caos da banalidade. São as alternativas que nos estimulam, que nos animam, que nos incitam á lucta.

Acceita, pois, **, as pallidas expressões acima, como a manifestação sincera de quem, conhecendo as agruras da vida, ainda alimenta algumas illusões, tendo muitas fenecidas, e que emprega assim, a lingua-

gem da espontaneidade e da experiencia.

E, finalizando, eu elevo meu coração ao Supremo Architecto, pedindo-lhe n'uma prece sincera e vivida que te conceda dilatados e felizes annos de vida, em companhia daquelle que elegeste para teu companheiro de jornada.

Que Deus te proteja e te guie!

Jund. - 28 - 11 - 29.



** E' lamentavel, bastante lamentavel * que se vem succedendo em Jundiahy, de algum tempo a esta parte no campo jornalístico.

Alguem, que se occulta sob o manto de anonymato, entendeu em se arvorar de uma hora p'ra outra em critico, utilisando-se para isso das columnas de um jornal local, « O Porvir ».

Não negamos a quem quer seja, o direito da critica, mas da critica serena, desapaixonada e acima de tudo, dentro das normas do cavalheirismo e da delicadesa.

O que não se explica, e é bastante lamentavel, é não só a linguagem empregada pelo critico anonymo, como tambem a injustiça dos seus conceitos.

Aquelles que terçam armas no campo jornalístico, costumam manter certa linha de conducta no ataque, quando ha alguma causa digna disso. E essa linha é a da elevação de espirito e da linguagem e da boa educação.

Não fosse o citado critico ter mais uma vez, dirigido expressões bastante pesadas a alguns dos nossos collaboradores, nós nos calariamos, pois que nos sentimos diminuidos em responder, e tambem achamos que não devemos propagar aquillo que temos de mau, isto é, chamar a attenção dos nossos leitores, para as expressões pouco delicadas do Sr. Cid Adão Jundiá Mirim, que, digamos de passagem, foi rebaixado, pois é agora Mirim.

Extranhamos que o Sr. Candelario de Freitas, rapaz a quem admiramos e ao qual não negamos reaes merecimentos, e a cuja direcção está entregue « O Porvir », concorde com o collaborador em apreço e dê o seu « placet » á collaboração daquelle Sr. Cid.

Apellamos ao Sr. Candelario, para impêr ao seu dollaborador maior moderação na linguagem, porque a reputação alheia vale alguma coisa e é preciso respeitá-la.

Esta nota vale como o nosso protesto solenne contra o linguaçar do Sr. Cid Adão Jundiá Mirim, aos nossos collaboradores.

E como « Sultana » não é uma revista de polemicas, não voltaremos ao assumpto.

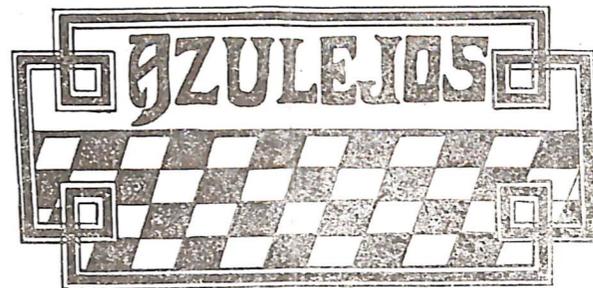
Casimiro Brites Figueiredo,
Director



O nosso bom amigo Sr.
Alfredo Herardt Junior,
funcionario do
Banco Commercial do E. S. Paulo

A mais pungente, a mais dolorosa verdade que ha em nossa vida — envelhecer. O passado não nos pertence, diz Pitigrilli e no emtanto que somos nós afinal, senão farrapos de um risinho passado ou de um passado infeliz? Que somos nós afinal, senão refinados mentirosos quando a velhice chega? Poucos são os que se conformam com a triste verdade, muito poucos. A neve cobre as edelweiss que mimosamente rastejam nas frias terras da Russia, crestando-lhes as petalas, roubando-lhes a vida. Os cabellos brancos, o meio termo da vida vem quando menos se espera para roubar a metade das mais fulgidas esperanças após os vinte annos. E sempre é tempo de ser o coração novo para o amor! Refinada mentira dos que tem horror aos cabellos brancos. O amor tem a sua epopéa gloriosa, como o anno tem as suas estações. Unicamente permanece nova a alma porque é immortal. Os velhos amam. Mas é amor sem esperanças, em syn-

these, renovam as cinzas de mortos corações. E um amor sem belleza, sem luz, sem as estilhas luminosas que residem nos olhos de apaixonadas creanças. Ou quando não, amam como aquellas, sob o delirio da loucura, sob os estos de uma paixão mal definida. A velhice, a dolorosa verdade!



Os que caminham para ella, são como os retardatarios que chegaram quando o trem partia e que num gesto louco procuram se agarrar aos ultimos carros. São como leucas borboletas que so embriagaram numa gotta de ether e envenenadas luctam contra o torpor que as absorve e

que as fulmina. Para esses era melhor que não houvessem os relogios, essas abreviaturas silenciosas do tempo que se escôa. Era melhor que não houvessem os calendarios, era melhor que não houvessem outras tantas cousas que como uma nterrogação, paira no pensamento desvaído. Envelhecer, o suicidio lento, o lethal veneno que sob a acção de uma agulha dourada penetra nas carnes amortecidas com o fim exclusivo de reavival-as e que sem sentido restropectivo, mata como as terriveis alcaloides. Recordar o passado é viver uma segunda vida, a verdade que mais se podia coadunar com o nosso pensamento, pois que os seres que pensam, que amam, que aspiram á perfeição, tem dois cyclos na vida. Um vae até aos vinte annos — a illusão fugaz com a qual se pretende mascarar a vida e o outro começa depois da dolorosa verdade da qual se procura fugir.

SERGIO



A antiga Igreja do Rosario, hoje demolida, e em cujo local se ergue o predio do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa"

UMA DO ... Dr. Hermenegildo

Filho do bello rincão da terra brasileira, que é Bragança, o Dr. Hermenegildo Campos de Almeida, cedo, muito cedo, veio dar com os seus ossos e carnes, terras, neste outro não menos bello rincão da brasileira terra, que é Jundiáhy.

Desde creança manifestou extraordinaria propensão para a vida marítima. O seu maior sonho era ser official da Armada e para realisal-o, matriculou-se na ... Escola Militar.

Quando estava prestes a concluir o curso para official da Marinha ... terrestre, abandonou os estudos, dedicando-se mais tarde á Engenharia.

Hoje, é um dos nossos mais habéis e laboriosos engenheiros civis. Trabalha com vontade e por isso o trabalho não lhe falta.

Tanto isso é verdade, que certa ocasião, encarregando-se da divisão judicial de certa gleba de terra, teve necessidade de um auxiliar. Annunciou nos jornaes da capital, solicitando um engenheiro perito em divisões, pois o trabalho era enorme e portanto excessivo para um só engenheiro.

Neste Brasil gigantesco ha muita gente com vontade de trabalhar — graças a Deus. Por isso o Dr. Hermenegildo não se espantou quando certa tarde, surgiu em seu escriptorio um rapaz bem trajado, bem apessoado. Previu logo que o rapaz que se apresentava era um candidato ao emprego.

Após ligeira palestra certificou-se de que a sua previsão era exacta. Começou então a interrogal-o:

— E' então o snr. engenheiro?

— Não senhor. Mas tenho muita pratica de divisão.

— Já trabalhou alguma vez em divisão de terras?

— Nunca.

— E então? ...

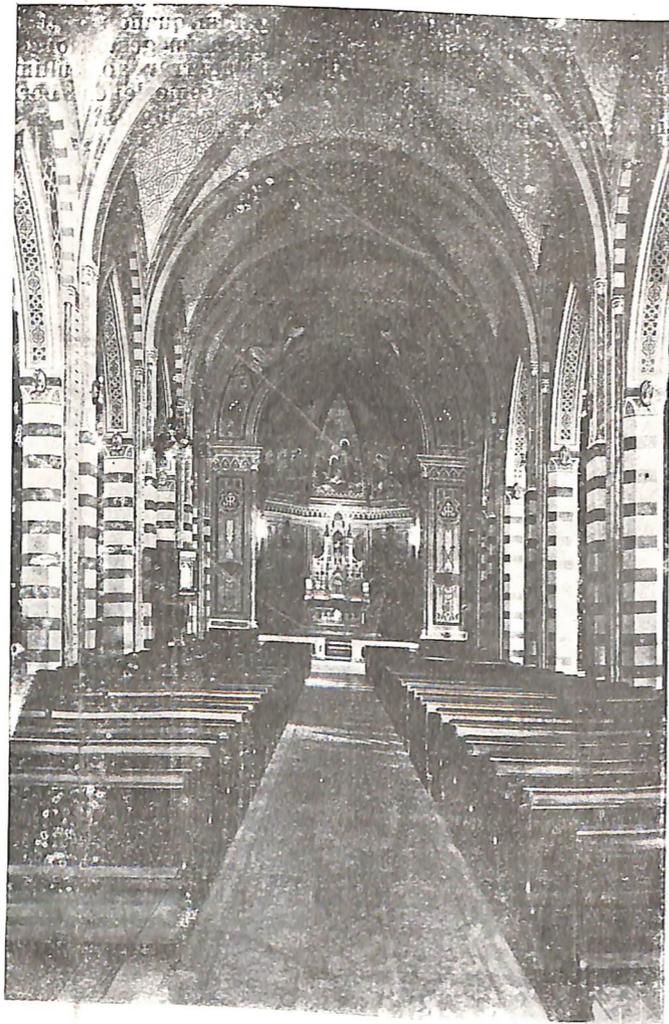
— O senhor não explicou no annuncio que era para auxiliar a divisão de terras... mas daremos um geito. O negocio é rendoso?

— E'. Mas se o senhor não tem pratica de divisão...

— Isso não tem importancia. Tudo se ha de arranjar da melhor maneira. Olhe, o senhor divide as terras e nós... dividimos os «cobres». E' em divisões de dinheiro que eu sou mestre.

Dizem que o Dr. Hermenegildo teve vontade de dividir a cabeça do candidato ao emprego.

SULTÃO.



A nave principal da Igreja Matriz desta cidade, verdadeiro monumento de fé e arte.

VIDA E MORTE

Na vida ha um sonho — o bem; um desejo — a bonança;
Um prazer principal — o amor correspondido;
Uma grande alegria — a que gosa a creança;
Uma ambição — o ouro em moedas fundido.

Felicidade é um céu azul que não se alcança;
Extrema dôr — morrer sem tudo ter cumprido;
Unico allivio que nos anima — a esperança;
Gloria — fumaça vã; descanso d'alma — o olvido.

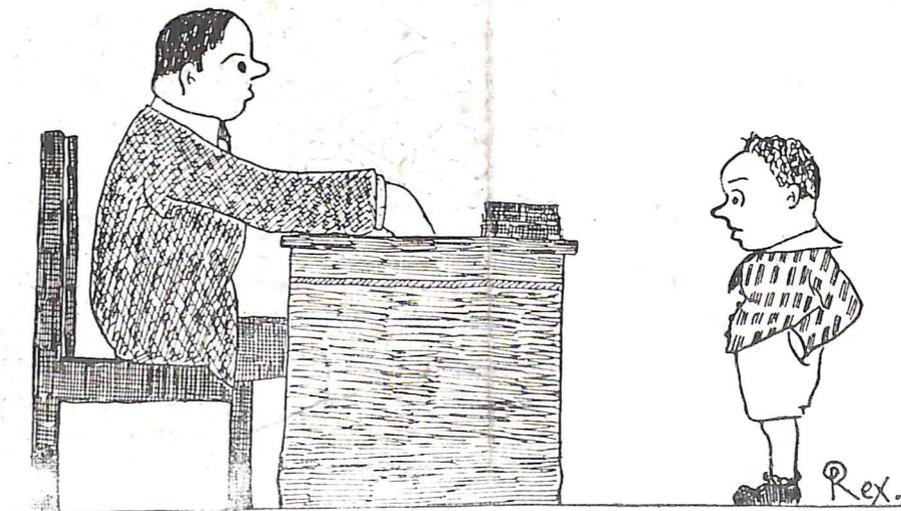
Ansia de vida — a dôr; rumo da morte e goso.
E' no bem que se lembra o coração, saudoso,
Das agruras da vida. E na mais negra sorte

E' que aspira de novo obter do bem guarida,
Porque a propria agonia é lucta pela vida,
E a vida não é mais que a marcha para a morte.

F. PESSOLANO

28 — 11 — 29

«Na sessão civica, realisada no Polytheama, um dos oradores affirmou que o povo não tem cabeça.»



Professor: — Em quantas partes se divide o corpo humano?
Aluno: — Conforme. Se fôr de alguém de destaque tres, mas se fôr do povo, duas, porque o povo não tem cabeça.

CANÇÃO AO VENTO

~~~~~

Soturno, rude, invisível,  
Trauteando rude canção,  
Perpassa o vento, intangível,  
Na solitária amplidão.

E lá, do horrendo infinito,  
Perdido na escuridão,  
Um brado tétrico e afflicto,  
Que sembra iracundo grito,  
Vem ferir-me o coração.

O' vento, ó bardo pungente,  
O' bardo da solidão!  
Tu cantas indifferente,  
Mas só o bohemio não sente  
Tua afflictiva canção!

.....  
Porque quem sofre e padece,  
Quem ama e tem sentimento,  
Quem sabe amar e chorar,  
Tem pena e se compadece  
Do teu martyrio de vento,  
Do teu soturno bailar!

15/10/29.

A. C.



### Visitando a cidade

Avenida Beira Brejo, que o povo portia em chamar de Torta, e que a Camara baptisou de Paula Penteado. Lá no fim, num cotovel-

O Papudo, levantou-se um destes dias, bem cedinho. Havia resolvido percorrer a cidade, observando-a com cuidado, montado n'uma tartaruga, comparando o Jundiahy de hoje com o Jundiahy que elle conheceu a uma trintena e poucos de annos.

Com esse intuito, dirigiu-se á Praça Independencia, para tomar um auto omnibus e ir até á Villa Arens. Desistiu porem desse intento e isso porque ficou verdadeiramente apavorado deante de um «anão me leve» que lá encontrou. «Enlata do», sem cheiro siquer de pintura. Era tal-

vez o bonde no qual D. Petronilha Antunes, aqui chegára

Resolveu ir a pé. Desceu para a parte antiga da cidade. Foi ao Largo de Santa Cruz, admirou as vestutas figueiras e a tradicional Igreja de Santa Cruz, que o progresso pensa em arrazar. Antecipadamente, deixou rolar uma lagrima de tristeza. Visitou a «Academia do Nhô Véco», de onde muito cidadão, que morou perto, não fugiu. Proseguindo, tomou pela Rua Adolpho «Barrigudo», digo, Gordo, admirando as casas novas que veem succedendo aos velhos casabres de antanho. Encontrou assim a velha rua jundiahyense, transformando-se, remoçando-se. Depois de percorrela, entrou pela Avenida Beira Mar, digo,

lo, uma outra saudade acordou os sentimentos do Papudo; a Ponte dos Bondes. Empoleirado no alto, o Papudo admirou em baixo o serpentear do Guapéva, por entre a herva ribeirinha. Lembrou-se, tristemente do tempo do bonde a burro. Não era de lata, sem pintura.

Atravessou a Ponte, entrou pela Villa dr. Olavo e achou-se na Rua Vigario, em pleno «Tito Acceso», isto é Villa Arens. Foi alli perto da ponte nova, onde o rio se espraia, e lembrou-se dos tempos de moleque, quando sujava a agua, para desespero das lavan-

deiras. Continuou sua peregrinação e foi visitar as obras da nova matriz da Villa Arens, que vem substituir a Igreja, como esta por sua vez, substituiu a Capella do Torresmo.

Voltou. Caminhando pela Avenida Cavalcanti sentiu a ausencia dos eucalyptus que ensombravam a pittoresca arteria. Lembrou-se que elles tinham sido sacrificados para não prejudicar a rede de exgotos, com suas enormes raizes. E phylosophou:— Quem é que manda eucalyptus ter raizes. Assim como as raizes difficultavam o progresso da avenida, assim tambem o brejo da avenida difficulta o progresso da cidade.

Chegou no cruzamento da Avenida com a Rua Engenheiro Monlevade. Pen-

sou em subir esta rua, mas desistiu da idea temendo atravessar o capinzal, existente nas immediações da Casa Parochial.

Estava desarmado e não pensava em caçar capivarras, antas e... outros «insectos».

Continuou a caminhada, pela Rua Capitão Damasio, Rua dos Bandeirantes, até a Ponte de Campinas, onde defrontou a secular figueira que abrigou sob sua copa frondosa o celebre viajante e historiador Saint-Hilaire, que chegou a Jundiahy montado no «tal» bonde. Admirou dalli a Villa São Lazaro, onde os leprosos nossos, encontram o abrigo que os tornam menos infelizes, onde o carinho suavisa o soffrimento. Pensou e pensa que o nosso povo que tão caritativo é, deve voltar com mais sympathia suas vistas para

essa instituição dando-lhe não só maior capacidade, como tambem maiores recursos.

O Papudo, sentou a sombra da figueira e «tirou um córte.»

E depois desse «córte» resolveu hoje ficar por aqui contando o resto de seu passeio n'outro numero da querida «Sultana».

PAPUDINHO.

### Crede dos Cachaceiros

Creio na fertilidade do solo, todo productor, creador da canna e da caninha, creio na aguardente, nosso elemento, a qual foi concebido por obra do alambique, nasceu da purissima canna, padeceu sob a pressão da moenda; foi derramada e sepultada num cocho; ao terceiro dia resurgiu da garapa e subiu

ao céu do capello; está no tonel bem arrolhada, donde ha de vir alegrar os grandes e os pequenos; creio no espirito de 40 grãos, na santa safra annual, na comunicação dos pilões, na remissão dos impostos, na ressurreição dos pileques e das ressacas. Amem.

### ERRATA

No ultimo numero de «Sultana» onde publicámos a photographia do menino Alvaro, filho do nosso amigo Snr. Evaldo Effenberger, demos como mãe do pequeno a Exma. Snra. D. Henriqueta Gayer. Enganamos-nos pois essa senhora é a avó, sendo sua progenitora a Exma. Snra. D. Gertrudes Gayer Effenberger. Pela troca de nomes, pedimos desculpas.



Instantaneo apanhado num pic-nic, levado a effeito por distinctas familias locais.



## Ingenuidade

Entre a matta cerrada, verde-negra,  
Uma tosca casinha se ostentava,  
Tendo por habitante a sertaneja  
Mais, bella, do soturno "Avanhandava".

Ella, era loura como a tenra estriga,  
De corpo esbelto e de formosa linha  
Que muitas vezes quando estava perto,  
Julgava estar olhando uma rainha.

Pois o pallido rosto avelludado  
Demonstrava a candura, a primazia  
Da suprema belleza indisputada  
Neste valle de lagrima e alegria.

E vendc-a sempre, sempre na casinha  
Tão tosca e de pintura rosicler.  
Desejava enlevado numa inveja,  
Emvez de ser um homem, ser mulher.

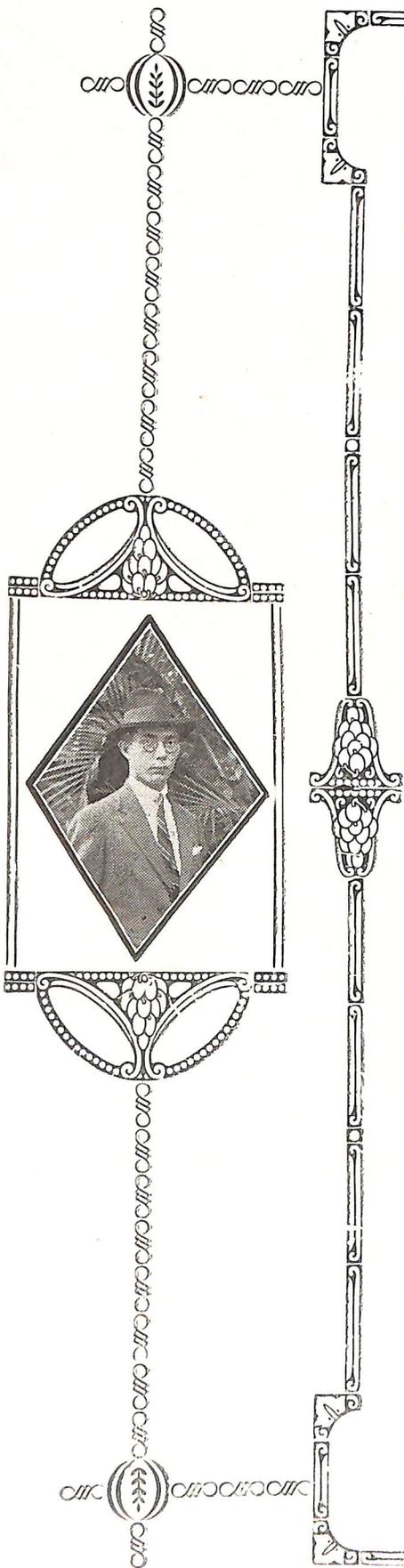
Uma ocasião, colhendo alguma flores  
Do pequeno jardim arborisado,  
Notei, estar a terra onde passava,  
Molhada, com seu pranto immaculado.

E commovido então por essa scena,  
Eu quiz saber a causa do seu pranto  
Que fazia chorar a proprias flores  
Do silvestre jardim desse recanto.

Oh! coitada, enchugando aquellas lagrimas,  
E numa voz mais linda do que a lyra,  
Fallou-me que chorava amargamente  
Porque a tinham chamado de caipira.

LUCCAS AGOSTINHO

Do meu livro «Sertão do Avanhandava.»



## SULTANA e os GAROTOS

### D. PEDRO II

O Imperador no Exilio  
por AFFONSO CELSO

(Continuação)

#### III

Nosso primeiro cuidado,  
chegando a este porto, a  
14 de Dezembro, foi pedir  
noticias da familia imperial.

Achava-se ella na capi-  
tal portugueza, alojada em  
hotel, havendo recusado  
hospedagem gentilmente of-  
ferecida nos paços do rei.  
Procurou-nos, logo após  
o desembarque, o barão de  
Loreto, communicando a  
meu Pai que Sua Magesta-  
de lhe queria fallar.

Ponderou meu Pai que  
só no dia seguinte poderia  
obedecer, por falta de trajo  
proprio, visto como as nes-  
sas males estavam retidas  
no lazareto.

O Imperador ordenou que  
comparecessemos como es-  
tavamos, e, de facto, fomos  
apresentar-lhe nossas ho-  
menagens com roupas de  
bordo, — em meio das ce-  
rimoniosas *toilettes* de ou-  
tros visitantes.

Cordialissimo o acolhi-  
mento. Sua Magestade re-  
feriu-se á revolução, reve-  
lando isenção e serenida-  
de admiraveis. Parecia per-  
feitamente resignado com  
a perda do throno. Prefe-  
rentemente orientava a con-  
versação para os estudos  
e visitas que tencionava  
realisar em Portugal. Nem a  
mais leve palavra amarga,



Duas lindas creanças. São os meninos Angelino e Alice  
filhinhos do Dr. Emmanuel Gianni, nosso conterraneo

nenhuma queixa ou recri-  
minação.

Fallando das possibili-  
dades da restauração, inter-  
rompeu :

— Jámais conspirarei para  
voitar, nem desejo que cons-  
pirem em meu nome ; mas  
se me chamarem espontane-

amente, não hesitarei um  
segundo : regressarei sem  
detença e com satisfação.

A Imperatriz, porém, não  
lograva dissimular a magua  
que lhe ia n'alma.

A physionomia abatida,  
lagrimas na voz e no olhar,  
exclamava :

Mas que mal fizemos nós áquella gente para n'os tratarem assim!... Não imaginam quanto foi cruel o meu embarque alta noite na Ilha Grande... O mar estava muito forte... Eu tenho medo do mar bravo... Não conseguia dar um passo... A pernas se me recusavam a andar... A escada do vapor não pude subil-a. Creio que me carregaram, soffrendo dôres agudas. Não sei realmente que crime pratiquei contra aquelle povo que amo tanto. E depois, de modo tão inesperado! Ignorava que nos odiassem... Sou tão amiga do Brazil! Não o esquecerei nunca... Tenho tido immensas saudades de tudo, de todos. Eu quizera acabar meus dias no Brazil...

E o seu tom angustioso, mais que as suas phrases, dava vontade de chorar.

Varias vezes voltámos ao hotel, recebidos sempre com tocante singeleza e lhanura.

A 10 de Dezembro publicou Meu Pai, no «Comercio de Portugal», seu manifesto aos brazileiros, escripto em Teneriffe, sobre o levante de 15 do mez antecedente.

A' noite fio, commigo, offerecer pessoalmente um exemplar ao Imperador. Guiou-nos este a uma sala reservada, fez nos sentar junto a si e disse a Meu Pai, entabulando conversação:

— Já li o seu trabalho. Está muito completo e claro. Achei o excellente, meios n'um ponto.

— Qual, senhor?

— Não me parece muito justo a respeito de Maracajú.

— Eu não lhe fiz a melhor accusação...

— Sim, mas quem ler o que o senhor escreveu...

— Perdão, senhor; só me cumpria expôr os factos como elles se passaram. Pratiquei-o com a mais escrupulosa fidelidade, com toda a calma e sem nenhum resentimento. Não tenho receio de que me possam contestar com fundamento, porque só narrei e presenciei, o que ouvi ou fiz. Cada qual tire dahias illações que julgar acertadas. Se estas forem desfavoraveis a quem quer que seja, de quem a culpa?

— Tem razão, mas não creio que houvesse traição da parte do Maracajú.

— Nem eu; tenho o por incapaz d'isso. Considero o ainda hoje tão leal, como no dia em que o apresentei a Vossa Magestade para ministro.

— Está bem. Vou rere o manifesto. Repugna-me, repito, acreditar tivesse havido traição da parte de certos personagens, como aliás circumstancias inexplicaveis autorisariam a



NAIR e AMELIA,  
as encantadoras filhinhas da Exma. Srna. D. Amelia G.  
Camargo, no dia em que receberam, nos seus  
coraçõesinhos puros, a primeira  
hostia consagrada.

desconfiar... Não sei definir... Traição consciante e premeditada, — não. Trahir affigura se-me cousa mui difficil; deve exigir extraordinario esforço. E trata-se, demais, de homens com honrosos precedentes e serviços ao paiz. O senhor, em todo o caso, exprimiu a verdade; cumpriu com o seu dever.

Dois dias mais tarde, a 22 de Dezembro, partiram Suas Magestades para o Porto, a fim de, ao que se espalhou, não constrangerem com a sua presença as festas proximas da coroação de D. Carlos.

A' parte a luzida corte d'el rei, diminuto numero de amigos compareceu á estação para se despedir dos augustos viajantes.

A alguns manifestou ainda a Imperatriz a sua saudade pelo Brazil e intensa ambição de regressar:

— Parece-me, disse, que a cada momento me afasto mais de lá.

André Rebouças, ouvindo-a, travou me vivamente do braço, murmurando-me ao ouvido:

— Pobre senhora! Não adivinha a noticia que está correndo. Melhor é que se vá sem a conhecer...

— Qual?!

— Depois lh'a communicarei, pois tambem o interessa de perto.

Partio o trem, André Rebouças relatou-me, a palavra embargada pela commoção, que constava, por telegramma recebido horas antes, haverem sido para sempre banidos do territorio brazileiro o Imperador, toda a familia imperial e

Meu Pai, sendo deportado, ao mesmo tempo, o conselheiro Silveira Martins.

— Ha ainda um banido, accrescentou Rebouças. Não se sabe se você, se seu tio Carlos Affonso. O telegramma é confuso. Corramos á redação do «Jornal da Noite», onde tenho

meus sentimentos, compreendendo que o exilio de Meu Pai importava o meu.

E lá fui annunciar-lhe que já não tinhamos patria.

## IV

Seis dias mais tarde, em meio dos festejos officiaes pela coroação de D. Carlos, de subito começou a circular triste boato: — Morreu repentinamente no Porto a Imperatriz do Brazil.

Os vendedores de jornaes vespertinos o apregoavam á turba apinhada nas ruas; mas as folhas inseriam apenas á ultima hora a noticia, sem pormenores nem commentarios.

No pessimo hotel em que nos alojaramos (os mais confortaveis estavam repletos, por motivo das festas) tinhamos por vizinho de meza um deputado ás côrtes, prestigioso chefe republicano, o coronel José Elias Garcia.

Homem de maneiras finas e polida educação. Todavia, sua proximidade não deixava de nos tolher, pois elle proprio e, principalmente, seus numerosos visitantes, não tiravam os olhos de nós, movidos de, aliás, legitima curiosidade, seguindo os nossos menores movimentos.

N'essa noite, Elias Garcia estendeu-me a mão, proferindo em tom grave estas palavras:

— Sinto informar a V. Ex. que, infelizmente, se confirmou a nova da morte da virtuosa Imperatriz. Falleceu hoje ás 2 horas da tarde, quasi de repente, no «Grande Hotel do Porto».

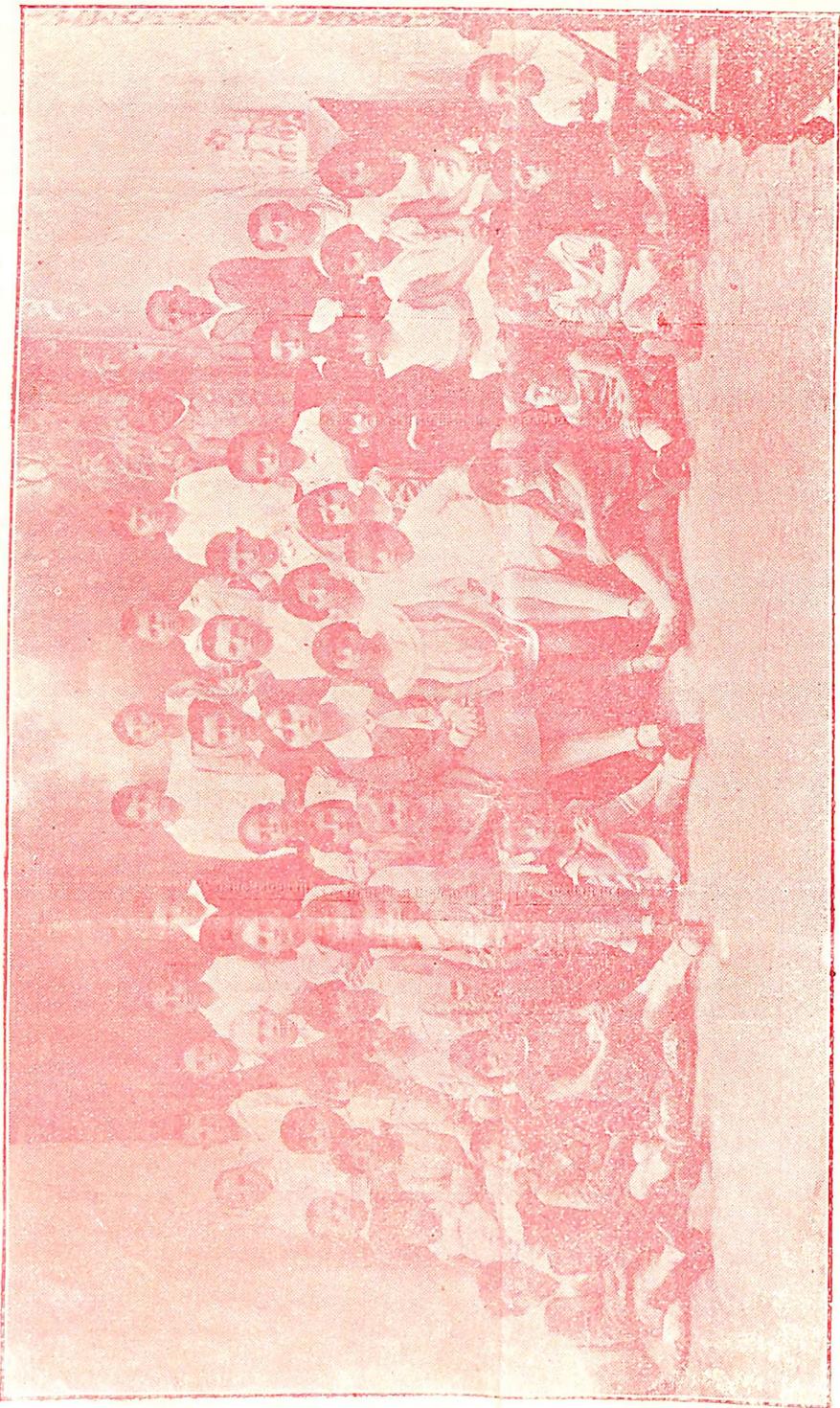
Continúa



O Revmo. Padre  
JOÃO BAPTISTA MONTI,  
virtuoso Vigario da nossa Parochia.

amigos. Informar-nos hemos ali exactamente do que ha.

Vimos no escriptorio referido, em copia authentica, o despacho da Agencia Havas. O outro proscripto era meu tio. O governo provisorio não me considerava digno da mesma honra, ou rendera talvez justiça a



Ha em Jundiaby, uma escola particular, onde a lucta pela alphabetisação da nossa infancia é intensa, si bem que desconhecida. Esse templo de luz, é a «Escola Yanko» regida pela Srta Joanna Luiza Yanko, u'a moça cheia de força de vontade, e que vem dispendendo os seus melhores esforços no sentido não só de alphabetisar os nossos conterraneos, como também de desenvolver a sua escola. E cremos que ella vem conseguindo ambos os fins. Muito têm aproveitad os seus alumnos e muito tem desenvolvido a sua escola. Fundada a seis annos, a «Escola Yanko» conta hoje com 78 alumnos, sendo 50 no curso infantil e o restante no curso noc-

turno, para adultos. Para darmos uma idéa do que é essa escola publicamos hoje uma photographura, com a sua professora e seus alumnos. A obra dessa moça é meritoria e cremos que não audariam mal os poderes publicos em auxiliá-la, pois que as boas causas devem ser amparadas. Como jundiabyenses, orgulhosos de nossa terra, apresentamos a Snta. Joanna Luiza Yanko as nossas congratulações e a lucitamos a proseguir sem desfallecimentos nessa campanha, cujo resultado não será só benefica á nossa terra, mas também ao nosso amado Brasil.



POSTAES ESQUECIDOS



Ao Tenente Porphirio

... ás ultimas brumas se diluem lentamente na alvorada que começa. E eu tenho ainda a impressão do sonho aureal vivido ha pouco. Em um altar, velas branquissimas de neve se queimam lentamente em sacrificio... flores novas murcham em sacrificio lentamente. E tu, ficas sob o altar, absorto a contemplar os meus olhos scimadores e queridos. A imagem se corporifica. E eu não sei, no sonho em que vivi, se aspirava o suavissimo perfume da mulher nas petalas roseas de uma flor mimosa, ou se, o aroma finissimo da petala rosea de uma flor no corpo esbelto da mulher. A imagem se desloca, e vem, num halo de luz como se adejasse em torno de um raio de sol, até o solo, pisando leve com os pesinhos leves, onde estás, e te contempla extasiada, a belleza dos teus olhos. E juntos saem pela vida em fóra, sussurrando como a brisa mansa, preces eternaes de amor, juras infinitas de um amor eterno. Eu sinto o ciume dessa imagem. Ciume que me revolve as carnes doridas do meu pobre coração como um escalpello dourado. E sinto o sangue que brota da ferida aberta. No meu delirio agoniante accordado entre lagrimas. Não sei porque os meus olhos as verteram. Penso em ti, na imagem, nesse amor que não existiu e que me fez soffrer. Depois abro as janellas de minha alcova solitaria e triste por onde um raio de sol penetra e vem brincar junto a uma imagem da Santissima Virgem, enchendo-a de luz, em reverberos d'ouro. Já não sonho e não soffro. Tenho os olhos abertos para a vida. Mãos postas em attitude de piedade murmuro num ciciar de labios. uma singela prece pela tua immensa felicidade.

Jurema.

Salão Americano  
— DE —  
**RAPHAEL**  
—  
Rua do Rosario, 65, h.ane 291  
O proprietario contando com officiaes peritos, faz sciente que está apto para servir ao mais exigente freguez — Serviço feito com hygiene e perfeição.  
Attende á domicilio.  
Grande sortimento de perfumarias finas.  
Annexo, com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços:  
Dias de semana 2\$500  
Sabbado 3\$000

**A INSTALADORA**  
RUA DO ROSARIO, 63 — PHONE, 369  
( PRAÇA DA INDEPENDENCIA )  
—  
Motores, transformadores, piafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habeis engenheiros eletricistas, encarrega-se de instalações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lampadas de todos os typos e todas as potencias.  
—  
Artigos de electricidade em geral  
**ANNUNCIOS LUMINOSOS**  
PARA TODOS OS PREÇOS

# A BANDEIRA

Em dezanove do mez de Novembro é a festa da bandeira brasileira e, nesta cidade do Salvador, capital do Estado Bahia, nos demais Estados da Republica e na capital do Brazil, no citado dia e mez do passado os classes armadas e o publico renperam-lhe as devidas homenagens, fazendo-a tremular no tópo dos mastros, salvando a as fortalezas, apresentando lhe armas e saudando-a militarmente, soldados e marinheiros, e descobrindo-se, reverentes, ao vê-la, os cidadãos brasileiros jovens ou velhos e ao frémito de orgulho, justo e digno, da multidão que se espargiu pelo planos que nos limitam, tambem eu dei a minha parte, no momento das ovações, ao sacro emblema da nossa nacionalidade, na rapida evocação d'esse glorioso dia que assignalou o inicio da nossa emancipação politica, como paiz livre independente, quando, José Bonifacio de Andrade e Silva, referendou o decreto de 18 de Setembro de 1922, pelo qual, o então príncipe regente, depois primeiro Imperador do Brazil — D. Pedro — determinou tivesse, o nosso territorio, um escudo d'armas genuinamente seu.

Trouxe-me a festa uma imensa sensibilidade emotiva e, ao fixar as faces ridentes do adolescentes que pelo brilho dos olhos revelavam querer a explicação da sintese do respeito devido ao simbolo da Patria, contemplan-do as contrações zigomaticas que, por vezes, se liam nos rostos anciosos da mulheleres:

ouvido as exclamações altivas proferidas pelas bocas dos adultos entusiasmados, pela imagem da bravura no verde pendão mantida pelas tradições do passado, eu vi, oistinctamente, as scenas de sangue, ora representadas pelas nações da Europa, onde as mães, as noivas, as filhas e as esposas, choram nas iggejas, nos cemiterios e no lar os heroes que baquearam, sem tibiesa, junto á bandeira da nação a que pertenciam e á qual haviam jurado dedicação e amor!

E nesse quadro horrifico, para sempre gravado na imaginação dos coévos, salientou-se, em mea cerebro, o quanto podem as lições de civismo ministradas, nas escolas, pelos mestres que, convictos e persistentes, ensinam as crianças — futuras esteios da nação, como é forte, sagrado e deve ser estremecido, o Santo emblema da Patria, quando elle se ostenta, desfraldando, na terra, nas aguas e no ether do espaço!

E, das heroicas façanhas registradas, manda a lealdade dizer, em todos os campos em luta, tive uma grande alegria em pensar que, alguns patricios nossos, mostranda ao mundo não ser a bravura privilegio europeu, ali em terra extranha, já demonstraram que o sul americano tambem sabe lutar, com armas na mão, em prol de idéas, e com maior razão, quando for mister repelir offensas e defendr direitos!

Nisto vibrou a corneta de um piquete de infantaria em marcha; passou, mas as notas mui estridentes, pareceram-se incançáveis.

Longinquamente o meu olhar se estendeu e, nos

arredores de *Tham*, na Al-sacia. deparei com o imponente espectáculo de um destacamento francês a receber ordens para uma investida, sahindo os homens, caminhando com denôdo.

A metralha inimiga, porém, encerrou-os, de subito, em um circulo de ferro.

Surgiu a indecisão e a *Morte* disso se aproveitou para ceifar algumas vidas.

— Uma baddeira! exclamou um sargento.

O tenente, comandante da força, disselhe:

— Tens razão, mas é preciso fazela e não ha tempo a perder! Ventre em terra! A columna obedeceu.

— Toma este lenço de seda branca, sargento; foi de minha esposa; arranja as outras côres; e o lenço foi beijado.

— Tenho o vermelho, segredou o sub-official; é uma fita mui larga e pertenceu á minha filha.

— Eis o azul! concluiu um soldado; é um voile que minha mãe deu-me na hora da partida.

— Façam a bandeira! gritou o official.

N'um minuto foram reunidas, cosidas á mão, as tres côres francêsas, azul, branco e vermelho; e, na ponta de uma lança encontrada, ali mesmo, foi colocado o improvisaao emblema da Patria.

— Tóca á bandeira, corneta! ordenou o ténente; soldados: aprentar armas e avante, pela honra da França!

De noite, aquella bendeira tremulava, no cimo da posição inimiga, em poder dos assaltantes, reduzidos

á metade e, quasi todos, gravemente feridos, sendo levados ao hospital de sangue em estado melindroso, o tenente, commandante da força e o soldado André Gonçalves Aumaitre, filho de francês e de brasileira.

Mirem-se os nossos adolescentes nesses brilhantes feitos d'armas e quando fôr preciso façam o mesmo, ou melhor ainda, para grandeza de nossa bandeira e para honra do nosso Brasil querido.

Dr. Joaquim Gonçalves.

## NA POEIRA DO PASSADO

Nada ha que melhor fale ao coração que a saudade de que um bem que se foi; a saudade de uma epocha feliz; a saudade de um tempo que já vae se distanciando.

O homem tem sempre satisfação em reviver o passado; sente uma alegria quasi infantil rememorando tempos idos.

Com o intuito de rememorar tempos que pouco a pouco se vai distanciando da actualidade, vamos fixar nestas paginas, algumas noticias colhidas da «Cidade de Jundiáhy», jornal que aqui surgiu em 1.º de Dezembro de 1897. São trinta e poucos annos, tem muita, tem bastante saudade. E' pois como uma homenagem ao passado, que transcrevemos o que abaixo se segue; e esta homenagem deve attingir bem de perto a Manoel Pereira Arruda, esse espirito de escòl, esse batalhador vigoroso, esse jornalista de pulso, hoje recolhido ao ostracismo, porque foi elle o fundador da «Cidade de Jundiáhy».

### « Mudança »

O sr. Tenente Taurino José de Araujo, escreven-te juramentado do 1.º Officio, desta comarca, segue hoje de mudança para Jaboticabal, onde vae exercer identica profissão. Desejamos-lhe prosperidade».

Em 24 — 11 — 1898.

Hoje o T.º Taurino é... Capitão e está de novo entre nós, prompto sempre para preparar um bom churrasco.

No mesmo dia, publicou-se a seguinte noticia:

### « Officina Arens »

Informam-nos que devido a pouca affluencia de serviço, o importante estabelecimento industrial dos srs. Arens Irmãos, só tem funcionado tres dias por semana. Este facto vem ainda mais agravar a situação da classe operaria.»

As Officinas Arens foram um dos primeiros estabelecimentos industriaes localizados em nossa terra e pouco mais de dois annos faz que transferiu-se daqui.

### « Companhia de Bonds »

Está sendo mudado da Rua Adolpho Gordo para a do Vigario João José Rodrigues, o leito da Companhia Carris de Ferro Jundiáhyana.

Os trabalhos que estão sob as vistas do sr. Victorino Joaquim Ferreira, estão já bastante adiantados, sendo provavel que por todo o futuro mez sejam concluidos.

A Companhia vae gozar de grande economia, pois que, por aquella via, torna-se facil o ascenso não sendo preciso mais que um anibal, sendo que pe-

lo leito despresado eram necessarios tres bons burros.»

Em 28 — 10 — 1899.

No dia 1.º de Dezembro de 1898, noticiava o jornal:

### « Noticiario »

Pedio demissão do cargo de professor do Bairro do Jardim o nosso amigo e correlegionario Antonio Carlos de Miranda».

### « Banda Musical Italiana » « Conde de Turim »

Está definitivamente formado esta nova Banda de Musica, offerece-se para bailes, festas etc. etc.

Dirigir ao Maestro da mesma sr. Francisco Montano, nesta cidade.»

Ficamos hoje por aqui, mais promettemos ir aos poucos publicando essas cousas que fallam ao nosso coração. Iremos, aos poucos desenterrando factos que jazem de ha muito no esquecimento, mesmo daquelles que as vezes foram partes salientes em certos acontecimentos E... até o proximo mez.

Quer se casar?  
Arrange a noiva que a  
**Cooperativa do Povo**

— DE —

**Salvador Jaroslavsky**  
Ihe mobiliará sua casa

O mais completo sortimento. — Stock de moveis, tapetes e passadeiras. — Os melhores artigos pelas mais baixos preços

Facilita-se os pagamentos

**Rua Barão, 75 e 77 - Tel. 157**

## Acrosticos

As virtudes e qualidades indispensaveis a um bom soldado, são as seguintes :

Nacionalismo  
Elegancia  
Lealdade  
Simplicidade  
Ordem  
Nobreza

Comportamento  
Argucia  
Sociabilidade  
Temperança  
Respeitabilidade  
Optimismo

\*\*

Qualidades indispensaves para u'a moça tornar-se querida ;

Attencção  
Urbanidade  
Retrahimento  
Elegancia  
Amabilidade

Modestia  
Intelligencia  
Religiosidade  
Apresentação  
Naturalidade  
Delicadesa  
Actividade

Violetinha



## Bilhetes á alguém

Meu amigo.

Eu nunca deveria ter deixado que penetrasses em o meu destino, nunca ! O sofrimento que trouxeste á minh'alma é o martyrio atroz em que ella se debate - presa, como que agrilhoadá á saudosa lembrança de um bem que sonhei na minha vida e como sonho desfez-se em nuvens azuladas. E a pensar que, finalmente és o menos culpado ! Louca fui demais para acreditar que no coração do homem possa existir amor. Eu adormeci nessa primavera, unica talvez da minha vida, em que tudo parecia trazer-me o perfume de flores novas, em que tudo parecia transmitir á minh'alma apaixonada, a sensação agri-doce que ao amor somente é dado produzir. Os teus olhos tinham para mim a luz divinizada de claros arrebões. Os meus se fecharam para o mundo ante a insistencia dos teus e nem ao menos podia ver nelles estampados uns outros olhos que não os meus. Os teus beijos eram como hostias alvissimas que eu recebia com os olhos no céu, na communhão feliz de quem sente a alma evolar tão leve, como as azas doiradas de borboleta ao azul infinito, no vôo celestial. Os teus beijos trouxeram ao meu coração tristissimo os accordes felizes de novas melodias. E o minuto sensacional do nosso primeiro beijo é hoje como uma braza

dormida entre cinzas. Quando, uma phantasia, povôa os meus sonhos, eu sinto dentro em mim o remorso de ter amado tanto, de te dar em uma noite linda de luar, os meus labios purissimos e frementes, aos teus beijos de peccado.

Eu bem sei, hoje que já não penso na alvorada de amanhã, o preço que me custou essa parcella de felicidade. E tu continuas a amar. Outra mais feliz que eu, possui hoje o teu coração. Não te maldigo, não. A fatalidade tem seus imprevistos como a felicidade é um direito adquirido. E outra tem o direito que me foi negado. As minhas vigílias, as minhas lagrimas, dizem bem do meu martyrio e ao mesmo tempo são como balsamo suavissimo que penetra fundo o meu dorido coração. Sê feliz, meu amigo, muito feliz. Uma unica cousa eu espero de ti, neste mundo, cousa tão simples que bem valerá a grandeza sublime do sacrificio que fiz por ti. Quando na hora mais grandiosa de tua vida, tû ajoelhado deante do altar florido, unir a tua alma á outr'alma que te espera ansiosa, quando os teus labios murmurarem baixinho, como um soluço, uma prece para a que se acha a teu lado, envia tambem ao grande Deus, uma palavra ao menos, á lembrança daquella a quem tanto fizeste soffrer na vida e que ainda soffre ao evocar a dolorosa saudade de um perdido amor.

JUREMA.

## TEUS OLHOS...

Teus olhos... são como pharões accesos, a indicar na noite escura do meu viver, o porto seguro do teu amparo, do teu amor...

Teus olhos... tem tanto brilho, tem encanto tal, que eu me sinto preso, enfeitado pelo seu luzir, onde existe uma promessa de felicidade...

Teus olhos... teem sobre o meu "eu" fascinação tal que eu me sinto tomado de um torpor delicioso e sonho contigo... e sonho contigo...

Teus olhos... reflectem a pureza de um affecto, que o peito procura occultar, mas que elles se obstinam pertidamente em desvendar...

Teus olhos... são como a estrella que indica ao pegureiro do amor, no deserto da vida, o caravançará do teu coração, para o seu descanso...

Teus olhos... teem tal vida, tal fulgor, que me fazem sorrir e chorar; fazem-me sorrir, quando parecem sorrir, fazem-me chorar, quando parecem chorar...

Teus olhos... tem um brilho tão extranho, tão caracteristico, que eu seria capaz de distinguil-os na treva mais escura, na sombra mais intensa...

Teus olhos... quando me fitam, com expressão tamanha de bondade, parecem traduzir o que te vae na alma e que é uma das razões de eu ado ral-a...

Teus olhos... são como todos os olhos bons, o espelho da alma e como elles nada reflectem de mau, eu sei que tû és bôa, muito boasinha...

Teus olhos... quando deixam rolar uma lagrimade saudade, tornam-se tão tristes, que eu tenho a impressão de que são os olhos de uma santa...

Teus olhos... exercem na minha vida a influencia benefica de me animar na lucta para a conquista do maior de todos os bens — o teu amor...

Teus olhos... promettem venturas infindas e eu aneio pela hora, em que possa buscar nos seus reflexos, o bem que de ha muito procuro...

Teus olhos... teem poder tão irresistivel de atracção, que nas horas de mysantropia eu os busco, como a unica fonte capaz de fazer a alegria retornar...

Teus olhos... são lindos, tão lindos que eu sinto as vezes ciumes delles fitarem outros olhos que não os meus, alegrando outra vida, que não a minha...

MARCUS VINICIUS

## Viajar sem dinheiro? Nunca mais!

A' Alceu de Toledo Pontes

**B**AGROPOLIS, essa mesma cidade que fôra ha tempos victima da astucia de um reporter desastrado que fizera locomover da Capital todo um contingente da cavallaria policial em combate a imaginarias cobras, amanhecêra em um dia ennevoado de Junho, triste, como tristes são as manhãs de inverno.

A despeito do frio rijo acompanhado de tennue garôa que mansamente rendilhava o telheiro já esbranqueçado do casario da cidade, nas primeiras horas, embora semi preguiçosos e enregelados alguns moradores da localidade começaram a cruzar as suas ruas desertas.

Mettido em grosso capote, mãos enluvadas, na esquina da rua principal, aquella hora matutina, um vulto surge na luz baça da neblina.

Era o Coronel Arco e Flexa e Espada o Prefeito aquelle mesmo signatario do celebre manifesto á população, por occasião da horrivel tragedia inventada pelo grande sensacional jornalista Rodella.

Tirando do bolso enorme molho de chaves, abre com uma dellas a porta do sumptuoso edificio da prefeitura, e, lepido galga os degraus da escadaria em caracol onde, no final, se ostenta luxuoso o seu gabinete de trabalho.

Assim remexendo a papelada que na vespera deixara em desalinho vai o Coronel Espada pondo-o em ordem e adiantando o expediente até que, no artistico relógio do proprio Municipal, as horas indi-

cam que o expediente está aberto aos queixosos e multados bagropolitanos.

O Coronel vendo o seu secretario chegar chama-o e notando nelle a vermelhidão do nariz, quasi triumphal, exclama:

— Que! Você com tanto frio assim?

— Nem falle Coronel, lá fóra está de rachar!...

— Pois olhe, eu estou aqui desde cedinho e não sinto frio algum. Veja como adeantei o expediente todo!... Já está quasi tudo despachado!...

— ???!

— Como preciso ir a São Paulo, a negocios da Municipalidade, e querendo deixar em ordem os mais urgentes papeis resolvi fazer uma madrugada...

— E a que horas vai, Coronel?

— No primeiro trem agôra.

— Pois então está na hora, diz solícito o Secretario mostrando o relógio.

— Neste caso é favor chamar-me o «chauffeur»...

— Com muito prazer, Coronel.

O Secretario desceu as escadarias mais veloz que um corisco para depois subil-a na mesma proporção, acompanhado.

O Coronel vendo o «cinesiphoro» na sua frente, em attitude de continencia ordena:

— Não me sahia do carro. Esteja alerta ao primeiro chamado...

— Pois não, Coronel.

— ... enquanto termino estes despachos e depois Voce me conduzirá a estação...

— Sim senhor.

Minutos depois o Coronel descia de 2 em 2 os degraus que, pareciam sem fim, da escadaria. E na anciancia de embarcar nem siquer se lembrára de passar na thesouraria, onde podia se munir d'aquillo com que são disputados os melões.

— Temos tempo para pegar o raoido? pergunta ao «chauffeur» que já se collocára na posição de partida.

— Está pingando, coronel; no entanto eu pisando com vontade o acelerador já sabe, é um baque!

— Pois então toque! foi a resposta.

E a «chevrolet» novíssima em folha partia em desabalada correria em direcção á estação. O seu velocimetro já nem mais regulava, ia e vinha, doidamente, accusando excesso de esforço. Assim mesmo o auto vencera galhardamente o percurso, como relampago, deixando na rectaguarda, entre a poeira immensa, aqui um cão a ladrar semi-esquartejado acolá, uma gallinha com o pescoço amassado a debater-se no extertor da agonia.

— Arre! que chegamos com tempo suspirou o Coronel, alliviado, e consultando o relógio.

— Commigo é nove! Ou vai ou racha! observou o germanico «chauffeur», todo ancho e parando o motor.

— Uma ida e volta a São Paulo quanto custa?

— 13\$400.

— Faça o favor de uma diz o Cel Arco e Flexa, depositando sua inseparavel pasta no «guichet» do bilheteiro.

Um pequeno ruido e o bilheteiro carimba a passagem.

Em seguida um profundo silencio.

O Coronel, atrapalhado, muito pallido, rebuscava nervoso, bolso por bolso. Os dez dedos das mãos bateram muitas vezes nos bolsos do collete, afflictos. Dir-se-ia atacados do mal de São Guido. Outras tantas entraram e sahiram nas calças. Nada achava! Nem um vintem!

Já arrependido da madrugada que fizera em pura perda, cochichou:

— Será poossível, minha gente!

— O' Coronel, o que foi que aconteceu?

— Ora já se viu coisa igual? Não ha de ver que me esqueci da carteira com dinheiro! E agora?

— Não faz mal, Coronel... Quando V. S. voltar pagará a passagem... Isso acontece!... atalhou sorridente o bondoso bilheteiro.

O Coronel criou alma nova ante essas palavras amigas, pois já pensara em voltar.

— Pois bem, que seja assim. Muito obrigado, meu amigo.

O trem corria veloz. O Coronel abancára-se á um canto, desexavido, só pensando em como se haver sem dinheiro, na Capital.

— Esta é boa... Não posso comprar um jornal siquer para distrahir-me!

— Bom dia Coronel!

— Bom dia.

— ... olhe novidades para hoje! O Cruzeiro está excellente; a Selecta chic como sempre; Sultana simplesmente maravilhosa! Livros novos Coronel!... Este por exemplo: «Nos sertões do Avanhadava» de um novo escriptor é magnifico!... Leia para ver... V. S. que gosta tanto de livros e revistas escolha um!... Não lhe interessa, versos? «No meu silencio» é um livro de poeta apaixonado!...

O Coronel pigarreou, já meio enfesado:

— Hoje não! Não estou disposto a ler... De mais a mais, a unica nota que possuo é uma pelega de 500\$000...

— Ora Coronel, isso não é o que impede; V. S. comprando «No meu silencio» por exemplo, trocar-ei. Tenho miudo sufficiente!...

— Não, muito obrigado; mesmo porque esqueci tambem os olhos e sem elles...

— Como assim? Se V. S. está com elles na testa?...

— ???!

— Má, má! resmungo o Coronel. Com esta eu não contava!... Já vi mesmo que o azar me persegue e este é dos machos! Afinal concertando-se e semi engasgado:

— Não, não e isso. E' que eu não estou disposto a ler. A leitura em vagão de estrada de ferro me atordôa muito...

— Mas pode ler depois...

O Coronel perdeu a calma e de um pulo salta no

gasganete do jornaleiro importuno e levando-o aos empurrões, berra desesperadamente:

— Já disse que não, e não! Está acabado!... Va-se embora, sinão sinão...

Suando em bicas, o Coronel se assenta. Crusando as mãos, rodopia, nervoso, os dedos pollegares e remata melancholico:

— Ai, meu Deus, tudo acontece quando se anda prompto!...

— Que calorsinho!...

Vis a vis do Coronel duas graciosas filhas de Eva sorriam á socapa.

Na estação da Luz o movimento é electrizante.

O Coronel marcha cabisbaixo por entre aquella multidão que, mais parece um formigueiro, em constante actividade. Pensa:

— Mas senhor, nem ao menos o bonde posso tomar!... Tenho que marchar a pé até o centro!... Como invejo aquelle pretinho que vai todo refestelado naquelle bonde que passa!... E' mais feliz que eu... Tem «duzentão»!... Ora c'ôas breccas, que maçada e alem de tudo inda para cumulo do meu «peso pesado», esses malvados callos, esses malvados callos, esses raios, hoje que acharam para doer!... Tambem quem manda eu ser apressado, distrahido. Devia ter consultado os bolsos antes de sahir!... Maricota me paga!... Ella é culpada disso, quem mandou tirar, porque é que foi mexer nos meus bolsos. Santo Deus!... Que mania de mulher!...

Faz a gente passar cada apuro!...

## Viajar sem dinheiro? Nunca mais!

A' Alceu de Toledo Pontes

**B**AGROPOLIS, essa mesma cidade que fôra ha tempos victima da astucia de um reporter desastrado que fizera locomover da Capital todo um contingente da cavallaria policial em combate a imaginarias cobras, amanhecêra em um dia ennevoado de Junho, triste, como tristes são as manhãs de inverno.

A despeito do frio rijo acompanhado de tennue garôa que mansamente rendilhava o telheiro já esbranqueçado do casario da cidade, nas primeiras horas, embora semi preguiçosos e enregelados alguns moradores da localidade começaram a cruzar as suas ruas desertas.

Mettido em grosso capote, mãos enluvadas, na esquina da rua principal, aquella hora matutina, um vulto surge na luz baça da neblina.

Era o Coronel Arco e Flexa e Espada o Prefeito aquelle mesmo signatario do celebre manifesto á população, por occasião da horrivel tragedia inventada pelo grande sensacional jornalista Rodella.

Tirando do bolso enorme molho de chaves, abre com uma dellas a porta do sumptuoso edificio da prefeitura, e, lepido galga os degraus da escadaria em caracol onde, no final, se ostenta luxuoso o seu gabinete de trabalho.

Assim remexendo a papellada que na vespera deixara em desalinho vai o Coronel Espada pondo-o em ordem e adiantando o expediente até que, no artistico relógio do proprio Municipal, as horas indi-

cam que o expediente está aberto aos queixosos e multados bagropolitanos.

O Coronel vendo o seu secretario chegar chama-o e notando nelle a vermelhidão do nariz, quasi triumphal, exclama:

— Que! Você com tanto frio assim?

— Nem falle Coronel, lá fóra está de rachar!...

— Pois olhe, eu estou aqui desde cedinho e não sinto frio algum. Veja como adeantei o expediente todo!... Já está quasi tudo despachado!...

— ???!

— Como preciso ir a São Paulo, a negocios da Municipalidade, e querendo deixar em ordem os mais urgentes papeis resolvi fazer uma madrugada...

— E a que horas vai, Coronel?

— No primeiro trem agôra.

— Pois então está na hora, diz solícito o Secretario mostrando o relógio.

— Neste caso é favor chamar-me o «chauffeur»...

— Com muito prazer, Coronel.

O Secretario desceu as escadarias mais veloz que um corisco para depois subil-a na mesma proporção, acompanhado.

O Coronel vendo o «cinesiphoro» na sua frente, em attitude de continencia ordena:

— Não me sahia do carro. Esteja alerta ao primeiro chamado...

— Pois não, Coronel.

— ... enquanto termino estes despachos e depois Voce me conduzirá a estação...

— Sim senhor.

Minutos depois o Coronel descia de 2 em 2 os degraus que, pareciam sem fim, da escadaria. E na anciancia de embarcar nem sequer se lembrára de passar na thesouraria, onde podia se munir d'aquillo com que são disputados os melões.

— Temos tempo para pegar o raoido? pergunta ao «chauffeur» que já se collocára na posição de partida.

— Está pingando, coronel; no entanto eu pisando com vontade o acelerador já sabe, é um baque!

— Pois então toque! foi a resposta.

E a «chevrolet» novíssima em folha partia em desabalada correria em direcção á estação. O seu velocimetro já nem mais regulava, ia e vinha, doidamente, accusando excesso de esforço. Assim mesmo o auto vencera galhardamente o percurso, como relampago, deixando na rectanguarda, entre a poeira immensa, aqui um cão a ladrar semi-esquartejado acolá, uma gallinha com o pescoço amassado a debater-se no extertor da agonia.

— Arre! que chegamos com tempo suspirou o Coronel, alliviado, e consultando o relógio.

— Commigo é nove! Ou vai ou racha! observou o germanico «chauffeur», todo ancho e parando o motor.

— Uma ida e volta a São Paulo quanto custa?

— 13\$400.

— Faça o favor de uma diz o Cel Arco e Flexa, depositando sua inseparavel pasta no «guichet» do bilheteiro.

Um pequeno ruido e o bilheteiro carimba a passagem.

Em seguida um profundo silencio.

O Coronel, atrapalhado, muito pallido, rebuscava nervoso, bolso por bolso. Os dez dedos das mãos bateram muitas vezes nos bolsos do collete, afflictos. Dir-se-ia atacados do mal de São Guido. Outras tantas entraram e sahiram nas calças. Nada achava! Nem um vintem!

Já arrependido da madrugada que fizera em pura perda, cochichou:

— Será poossível, minha gente!

— O' Coronel, o que foi que aconteceu?

— Ora já se viu coisa igual? Não ha de ver que me esqueci da carteira com dinheiro! E agora?

— Não faz mal, Coronel... Quando V. S. voltar pagará a passagem... Isso acontece!... atalhou sorridente o bondoso bilheteiro.

O Coronel criou alma nova ante essas palavras amigas, pois já pensara em voltar.

— Pois bem, que seja assim. Muito obrigado, meu amigo.

O trem corria veloz. O Coronel abancára-se á um canto, descnxavido, só pensando em como se haver sem dinheiro, na Capital.

— Esta é boa... Não posso comprar um jornal siquer para distrahir-me!

— Bom dia Coronel!

— Bom dia.

— ... olhe novidades para hoje! O Cruzeiro está excellente; a Selecta chic como sempre; Sultana simplesmente maravilhosa! Livros novos Coronel!... Este por exemplo: «Nos sertões do Avanhadava» de um novo escriptor é magnifico!... Leia para ver... V. S. que gosta tanto de livros e revistas escolha um!... Não lhe interessa, versos? «No meu silencio» é um livro de poeta apaixonado!...

O Coronel pigarreou, já meio enfesado:

— Hoje não! Não estou disposto a ler... De mais a mais, a unica nota que possuo é uma pelega de 500\$000...

— Ora Coronel, isso não é o que impede; V. S. comprando «No meu silencio» por exemplo, trocar-ei. Tenho miudo sufficiente!...

— Não, muito obrigado; mesmo porque esqueci tambem os oculos e sem elles...

— Como assim? Se V. S. está com elles na testa?...

— ???!

— Má, má! resmungo o Coronel. Com esta eu não contava!... Já vi mesmo que o azar me persegue e este é dos machos! Afinal concertando-se e semi engasgado:

— Não, não e isso. E' que eu não estou disposto a ler. A leitura em vagão de estrada de ferro me atordôa muito...

— Mas pode ler depois...

O Coronel perdeu a calma e de um pulô salta no

gasganete do jornaleiro importuno e levando-o aos empurrões, berra desesperadamente:

— Já disse que não, e não! Está acabado!... Va-se embora, sinão sinão...

Suando em bicas, o Coronel se assenta. Crusando as mãos, rodopia, nervoso, os dedos pollegares e remata melancholico:

— Ai, meu Deus, tudo acontece quando se anda prompto!...

— Que calorsinho!... Vis a vis do Coronel du- as graciosas filhas de Eva sorriam á socapa.

Na estação da Luz o movimento é electrizante.

O Coronel marcha cabisbaixo por entre aquella multidão que, mais parece um formigueiro, em constante actividade. Pensa:

— Mas senhor, nem ao menos o bonde posso tomar!... Tenho que marchar a pé até o centro!... Como invejo aquelle pretinho que vai todo refestelado naquelle bonde que passa!... E' mais feliz que eu... Tem «duzentão»!... Ora e' oas breccas, que maçada e alem de tudo inda para cumulo do meu «peso pesado», esses malvados callos, esses malvados callos, esses malvados callos, esses raios, hoje que acharam para doer!... Tambem quem manda eu ser apressado, distrahido. Devia ter consultado os bolsos antes de sahir!... Maricota me paga!... Ella é culpada disso, quem mandou tirar, porque é que foi mexer nos meus bolsos. Santo Deus!... Que mania de mulher!...

Faz a gente passar cada apuro!...

Lembrando-se disso, mais colerico ficou o Coronel, e batendo os pés callejantes na calçada com grande estrondo, bradou mais feróz que a propria féra :

— Aguentem firmes, desgraçados ! . . .

Nesse instante, um cão que postará-se a um canto, onde o sol benéfico dessa manhã de Junho deixava estender preguiçosamente um dos seus raios, tremulo de frio, assustadiço, parte em desabalada correria, ganindo furiosamente. Um auto que passava, perdendo a direcção vai ao encontro de um « camarão » e se abraçam ruidosamente, expandindo os seus sentimentos « ferreos » de velha camaradagem.

D'ahi a segundos o Coronel Arco e Flexa e Espada visitava o gabinete « 7 de Abril ». E monologava:

— Eu, viajar sem dinheiro ? Nunca mais !

ARO

Novembro de 1929

Prefiram o :: :: ::

**SALÃO BUENO**

Barbeiro e Cabelleiroiro

— de —

**Quinzinho Bueno**

Recentemente aberto nesta cidade

Rua Cap. Damasio, 20

JUNDIAHY

## Divagações

Lembra-te ? Foi n'uma tarde como a de hoje. Cinzenta e brusca. O ceu occultava aos nossos olhos aquella côr tão azul, tão sua. E nós sonhávamos ! . . . Sonhávamos acordados ! . . .

Sentados a um canto do jardim, num banco que fôra verde, nosso olhos se encontraram assim tão pertos, tão juntinhos e tão perto e tão juntinho nós sentimos palpitar o coração, com vibrações mais intensas.

Senti-me feliz ao teu lado !

— Sinto-me contente ao lado de ti. Disseste-me. E eu acreditei.

A felicidade é um bem tão passageiro, transitorio como o proprio tempo, que eu temi o proprio tempo correr e escoar-se o felicidade.

Tão perto, tão juntinho de ti, senti tanto a influencia benéfica desses teus olhos, que contem um misto de belleza, candura e encanto, de novo desabrochou na minha alma rica de scepticismo a flor viçosa da esperança.

Todos nós, temos na vida periodos de fé e desesperança ; todos nós sentimos na vida o calor de um affecto bom e a algidez de uma ingratidão ; todos nós soffremos na vida o bafejo do amor e o halito do odio.

Periodo de fé, quando acalentamos com cuidado as chammes de um amor que parecia tão cheio de sinceridade ; periodo de desesperança, quando, olhos abertos, vislumbramos o intimo de quem era mestre na dissimulação.

Calor de um affecto, quando elle é puro e espiritual e não busca na materia o alimento ; algidez de uma

ingratidão ao sentir a picada da vibora a qual fizemos bem.

O bafejo do amor, quando as almas se comprehendem e os espiritos se irmanam num mesmo sentir ; o halito do odio, quando na elevação de um amor puro, surge a lembrança de um affecto . . . prenhe de interesse.

Todos nós temos periodos de transição. Alguns do bem para o mal, outros do mal para o bem. O scepticismo é um mal e a intensidade do nosso amor, desalojou-o do meu coração.

Hoje, vejo a vida pelo prisma roseo. Tudo é bello, tudo encanta ; tudo attrahe. Sinto mais vida na minha propria vida, porque viver sem uma meta, sem uma ambição, não é viver e eu tenho hoje um só desejo, uma só ambição — fazer-te minha, para que eu seja teu.

E foi por isso que eu me senti feliz naquella tarde cinzenta e brusca em que te tive bem perto e bem juntinho a mim ! . . .

Marck, o garoto

## CASA LIMA

com armazem de seccos e molhados finos, louças ferragens etc.

## J. Lima & Cia.

R. Vigario J. J. Rodrigues, 28

— PHONE, 112 —

Entrega á domicilio

JUNDIAHY

## CORREIO DE

# "SULTANA"

L. G. de Almeida - S. Paulo — Comecemos por si. O senhor não nos diz quaes os jornaes e revistas em que collabora, mas se elles publicarem idiotices como a que o senhor enviou, preferimos ignoral-os sempre. Dize-me com quem andas . . .

R. Leal - Itatiba — E a promessa ? Não nos esquecemos e contamos com a boa amiguinha, para o proximo numero

Raul O. Delgado - Avaré — Recebeu nossa carta ? Supponho que não, porque até agora não obtivemos noticias suas. Apareça, Sim ?

Duilio Gambini - Avaré — Que é feito do bom amigo ? por onde tem andado, que não dá signal de si ? E o promettido ?

Léo Junior - Curitiba — Recebemos e publicamos hoje sua collaboração. Muito obrigado pela lembrança. Vamos providenciar o que pede. Sentimo-nos felizes em poder retribuir a sua fidalga gentileza. Conte pois conosco.

J. P. C. - Nesta — Ora, « seu » moço ! Não faça mais isso que é feio. Deviamos publicar seu nome por extenso, mas não o fazemos na certeza de que o senhor creará juizo. Procure n'O « Commentario » de Veiga Miranda, 1.º volume, pag. 328. Encontrara o « seu » conto, sem uma virgula a menos ou a mais. Apenas o titulo é outro. Isso é feio, muito feio.

Luccas Agostinho - Nesta — Publicamos hoje seu trabalho. Contamos consigo no proximo numero.

A. C. - Nesta — Nada mais temos em nossa pasta do bom amigo. Esperamos novos trabalhos. Não se esqueça.

Lagrima Occulta - Nesta — A boa amiguinha nos deixou este mez . . . Estará zangada conosco ? Não cremos. Apareça, sim ?

Tianinha - Nesta — Não foi possivel neste numero. No proximo, sem falta. Desculpe-nos, chegou um pouco tarde.

Aro - Nesta — Já estamos prevendo o « estrillo » do amigo Mas . . . a culpa não foi nossa. Apareça que lhe explicaremos o facto

Guttemberg - Nesta — Seu trabalho está fraco. Falta colorido e vida. Mas não desanime. Continue escrevendo e aos poucos ficará senhor da arte. Se precisar de nós disponha. Não só lhe auxiliaremos, como tambem poderemos lhe dar alguns conselhos. O começo é assim mesmo.

L. Trebeis - Nesta — Bom o seu trabalho, que, como de costume foi publicado. E quando quizer, já se sabe que manda nesta casa.

F. Pessolano - C. Limpo — Recebemos, e publicamos hoje. Nada mais temos. E como temos o amigo na conta dos bons elementos de « Sultana, contamos consigo, sempre.

Peter Pan - Nesta — Por que não tem apparecido ? Apareça, sim ?

Carlos Macedo - Santo Anastasio — Não precisava consultarnos. Já conhecemos o talento do amigo e algumas das suas inspiradas produções. Teremos prazer em contal-o no numero dos nossos colaboradores. — Recommendações do Miro.

Alberto Fernandes - Bebedouro — Recebeu nossa carta de 16 ? Amanhã ou depois nova « serie »

Estacio Caldeira - Bebedouro — Não se esqueça do que prometteu, podemos contar para o proximo numero ? Desde já, obrigado.

Oswaldo Moreira - S. Paulo — Iniciamos hoje a publicação de sua novella. Folgamos immenso em inscrevel-o no numero dos nossos colaboradores effectivos. Muito obrigado e as suas ordens.

JOÃO DO ORIENTE.

PMJ  
UGC - AH

*(Pertencia de acordo de Amanda Colaferrri)*